



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANA PAULA DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19: A
EXPERIÊNCIA COM O ENSINO REMOTO NA COMUNIDADE DE SÃO
LOURENÇO, FELIPE GUERRA – RN**

MOSSORÓ – RN

2022

ANA PAULA DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19: A
EXPERIÊNCIA COM O ENSINO REMOTO NA COMUNIDADE DE SÃO
LOURENÇO, FELIPE GUERRA – RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros.

MOSSORÓ – RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

048e Oliveira, Ana Paula de.
Educação do campo e pandemia causada pela COVID-19: a experiência com o ensino remoto na comunidade de São Lourenço, Felipe Guerra-RN / Ana Paula de Oliveira. - 2022.
63 f. : il.

Orientador: Emerson Augusto de Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo, 2022.

1. Educação do campo. 2. Tecnologias digitais.
3. Ensino remoto. 4. Pandemia. I. Medeiros, Emerson Augusto de, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ANA PAULA DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19: A
EXPERIÊNCIA COM O ENSINO REMOTO NA COMUNIDADE DE SÃO
LOURENÇO, FELIPE GUERRA – RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais

Defendida em: ____ / ____ / 2 ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros (UFERSA)
Presidente

Profa. Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim (UERN)
Membro Examinador

Profa. Esp. Vanessa de França Almeida Gurgel (UFERSA)
Membro Examinador

*A Deus, meu guia, refúgio e fortaleza.
Aos meus pais, Euzilene Oliveira e Paulo Oliveira,
pelo apoio incondicional na vida e trajetória
acadêmica. A vocês, minha eterna gratidão!
A todos que acreditaram que esse sonho seria
possível.*

AGRADECIMENTOS

Tu és o meu Deus; graças te darei! Ó meu Deus, eu te exaltarei! Dêem graças ao Senhor, porque ele é bom; o seu amor dura para sempre.

(Salmos 118:28-29)

Primeiramente, agradeço a Deus por sua fidelidade em minha vida, que me permitiu a construção desse trabalho com muita saúde, mesmo em meio a uma pandemia, assim como guiou todos os meus caminhos durante os anos de graduação. Obrigado meu Deus, por estar sempre comigo me dando forças ao longo dessa trajetória, para que eu pudesse concluir essa etapa na minha vida.

Agradeço aos meus pais, em especial a minha mãe Francisca Euzilene de Oliveira, pelo incentivo e apoio constante nessa jornada. Por tanto amor e dedicação para comigo, sem nunca desacreditar em mim. Essa conquista foi por você que é digna de todo meu reconhecimento e gratidão. Sou infinitamente grata por tudo, minha mãe amada.

Agradeço ao meu namorado, Antônio Fagner da Silva Souza, por ter estado sempre ao meu lado e mesmo nas complicações segurar a minha mão e dizer que tudo daria certo. Obrigado por toda paciência, carinho e compreensão. Você foi essencial na concretização desse sonho.

Agradeço ao meu estimado orientador, Professor Dr. Emerson Augusto de Medeiros, que aceitou a difícil tarefa de me orientar a construir e concluir essa monografia. Obrigado pela motivação durante todo o processo e por sempre estar presente para indicar as direções que o trabalho deveriam tomar. Para mim é uma honra tê-lo como meu orientador. Você é um admirável profissional.

Agradeço a minha amiga e considerada irmã, Hyanka Thayse Oliveira de Moura, por sua amizade e companheirismo em todos os momentos da trajetória acadêmica e, sobretudo, durante a construção desta monografia. Obrigada por toda ajuda, por segurar na minha mão e nunca soltá-la. Sou grata a Deus por tê-la comigo.

Agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – LEDOC/UFERSA, que contribuíram com conhecimentos imprescindíveis para minha formação acadêmica.

Agradeço aos meus amigos(as) da graduação, Henio Magno, Diogo Moura, Tenille Torres, Natália Sena, Kezia Raquel, Núbia Roseno e Usterlana, pela amizade e apoio demonstrados ao longo do curso. Vocês fazem parte da minha jornada.

Agradeço aos professores que participaram da pesquisa e também à Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, por fornecerem elementos que contribuíram para análises e reflexões sobre a temática proposta.

Agradeço à banca examinadora por aceitar o convite, Professora Giovana Amorim e Professora Vanessa França, e trazer pertinentes apontamentos para o enriquecimento desse estudo. Suas contribuições certamente somarão à pesquisa.

Agradeço ainda, à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) pela elevada qualidade nos espaços e recursos oferecidos para nossa formação.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta e indireta para que eu pudesse concluir a graduação. A vocês, os meus sinceros agradecimentos e minha eterna gratidão.

Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo centraliza-se para a Educação do Campo, mais especificamente para a experiência com o ensino remoto na Comunidade Rural de São Lourenço, Felipe Guerra – RN, no período da pandemia causada pela COVID-19. Dessa forma, o estudo se ancora no seguinte problema investigativo: Quais as percepções dos professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, sobre o ensino remoto? No tocante ao objetivo geral, pontifica: analisar as percepções de professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, a respeito do ensino remoto. No que se refere aos objetivos específicos, ressaltam-se os seguintes: a) identificar, na percepção dos professores, os desafios e as possibilidades com as aulas virtuais no ensino remoto, bem como a respeito do uso das tecnologias digitais para o processo de ensino-aprendizagem; b) descrever as experiências dos professores acerca das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas no período da pandemia causada pela COVID-19; e c) evidenciar dificuldades e impactos no cotidiano da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, para a educação dos sujeitos do campo, mediante o contexto da pandemia causada pela COVID-19. Em parâmetros metodológicos, o estudo fez uso da abordagem qualitativa e se tipifica como uma pesquisa de campo. A pesquisa teve como *lôcus* de investigação a Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, localizada na comunidade rural de São Lourenço, Felipe Guerra – RN. Do estudo, participaram três professores que lecionam na escola referenciada na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como técnica para construção dos dados, utilizou-se das entrevistas semiestruturadas as quais foram realizadas no mês de junho de 2022. Conclui-se que entre os desafios mais presentes com o ensino remoto se presenciou a ausência de formação dos professores e estudantes para o uso das tecnologias digitais. Além disso, o trabalho docente com a alfabetização no período da pandemia causada pela COVID-19 intensificou a rotina laboral dos professores. Destacou-se que os pais e responsáveis pelos estudantes também sentiram a rotina escolar, haja vista que a escolarização necessitou, mais do que nunca, do acompanhamento e do apoio familiar. Os professores enfatizaram que tiveram que reorganizar suas metodologias e práticas de ensino, considerando o cenário social e educacional desenhado.

Palavras-chave: Educação do Campo. Tecnologias Digitais. Ensino Remoto. Pandemia.

ABSTRACT

This study focuses on Rural Education, more specifically on the experience with remote teaching in the Rural Community of São Lourenço, Felipe Guerra - RN, during the pandemic caused by COVID-19. In this way, the study is anchored in the following investigative problem: What are the perceptions of the teachers of the School Unit X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, about remote teaching? Regarding the general objective, it pontificates: to analyze the perceptions of teachers from the School Unit X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra - RN, regarding remote teaching. With regard to the specific objectives, the following stand out: a) to identify, in the teachers' perception, the challenges and possibilities with virtual classes in remote teaching, as well as regarding the use of digital technologies for the teaching process - learning; b) describe the teachers' experiences about the teaching-learning activities carried out during the period of the pandemic caused by COVID-19; and c) highlight difficulties and impacts on the daily life of the School Unit X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, for the education of rural subjects, in the context of the pandemic caused by COVID-19. In methodological parameters, the study used a qualitative approach and is typified as a field research. The research locus was the School Unit X Professor Antônio Amarildo de Souza, located in the rural community of São Lourenço, Felipe Guerra - RN. The study involved three teachers who teach in the referenced school in Early Childhood Education and in the early years of Elementary School. As a technique for data construction, semi-structured interviews were used, which were carried out in June 2022. It is concluded that among the most present challenges with remote teaching was the lack of training of teachers and students for the use of digital technologies. In addition, the teaching work with literacy in the period of the pandemic caused by COVID-19 intensified the work routine of teachers. It was highlighted that parents and guardians of students also felt the school routine, given that schooling required, more than ever, follow-up and family support. The teachers emphasized that they had to reorganize their teaching methodologies and practices, considering the social and educational scenario designed.

Keywords: Field Education. Digital Technologies. Remote Teaching. Pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Fachada da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza.....	38
Figura 2	–	Comunidade de São Lourenço, Felipe Guerra/RN.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Organização do Roteiro das Entrevistas Semiestruturadas.....	33
----------	---	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD	Educação a Distância
LEDOC	Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo
MEC	Ministério da Educação
RN	Rio Grande do Norte
TD	Tecnologias Digitais
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	EDUCAÇÃO DO CAMPO E ENSINO REMOTO – DEBATE CONCEITUAL.....	16
2.1	Educação do Campo – de qual educação falamos?.....	16
2.2	Escola do Campo: princípios e especificidade.....	21
2.3	Ensino remoto e pandemia causada pela COVID-19.....	24
3	METODOLOGIA DO ESTUDO	29
3.1	Abordagem da investigação – a pesquisa qualitativa.....	29
3.2	Tipo de estudo – a pesquisa de campo.....	30
3.3	A entrevista semiestruturada como técnica para produção de dados.....	32
3.4	Os participantes da investigação – três professores	35
3.5	<i>Lócus</i> da pesquisa – a Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza.....	36
4	PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA UNIDADE ESCOLAR X PROFESSOR ANTÔNIO AMARILDO DE SOUZA – FELIPE GUERRA/RN A RESPEITO DO ENSINO REMOTO.....	40
4.1	Desafios e possibilidades com as aulas virtuais no ensino remoto e o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem.....	40
4.2	Experiências acerca das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas no período da pandemia causada pela COVID-19.....	47
4.3	Dificuldades e impactos no cotidiano escolar para a educação dos sujeitos do campo no contexto da pandemia causada pela COVID-19...	55
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)	63

1 INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2021) assinala que a COVID-19 é caracterizada por uma doença de síndrome respiratória aguda grave, a qual surgiu na China no fim do ano de 2019. Com a disseminação desse vírus, foi necessário adquirir medidas de distanciamento social, em virtude da proteção da sociedade e como forma de impedir a proliferação do vírus. Com isso, vários setores da sociedade foram atingidos, a começar pela saúde e, principalmente, a educação. Em virtude dessa realidade, as escolas foram obrigadas a parar suas atividades presenciais. Diante desse quadro, foi orientado pelo Ministério da Educação (MEC) a modificação da organização educacional, onde foi deixado o ensino presencial e passou a ser aderido o modelo de ensino remoto emergencial, seguindo as medidas recomendadas pelas ordens sanitárias com o afastamento social, como forma de proteção frente às necessidades emergenciais diante do quadro de pandemia da COVID-19.

É de conhecimento geral, a gravidade que a pandemia provocada pelo vírus tomou, com a paralisação das atividades presenciais, entendemos que os estudantes do campo se desengajaram do ambiente escolar. O fato de vivenciar essa nova realidade fez com que escola, professores e estudantes se readaptassem a uma nova maneira de fazer aula. Mediante a isso, a mudança adotada nas escolas nos fez pensar se estas estariam realmente preparadas para dar continuidade nos estudos de forma remota, especialmente se tratando de escolas do campo. Pensando nisso, esta pesquisa de cunho educacional buscou investigar os efeitos da pandemia causada pela COVID- 19 na Educação do Campo, tendo como tema norteador de pesquisa: **“Educação do Campo e Pandemia Causada pela COVID-19: a experiência com o ensino remoto na Comunidade de São Lourenço, Felipe Guerra – RN”**.

Assim, este escrito monográfico condiz a um estudo sobre a experiência da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza a respeito da atuação docente durante o período de ensino remoto. Dessa forma, o estudo se ancora no seguinte problema investigativo: **Quais as percepções dos professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, sobre o ensino remoto?**

No tocante ao objetivo geral pontifica “Analisar as percepções de professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN a respeito do ensino remoto”. Para nós, na condição de estudante do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (como é o caso da autora deste estudo), dialogar com essa temática é imprescindível, uma vez que como professora é necessário estar preparada para enfrentar determinadas situações, assim como estar suscetível a mudanças. O estudo se enriquece ainda

mais pelo fato de tratar-se de uma pesquisa em seu local de origem. No que se refere aos objetivos específicos, ressaltamos os seguintes:

- Identificar, na percepção dos professores, os desafios e as possibilidades com as aulas virtuais no ensino remoto, bem como a respeito do uso das tecnologias digitais para o processo de ensino e aprendizagem;
- Descrever as experiências dos professores acerca das atividades de ensino e aprendizagem desenvolvidas no período da pandemia causada pela COVID-19;
- Evidenciar dificuldades e impactos no cotidiano da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, para a educação dos sujeitos do campo, mediante o contexto da pandemia causada pela COVID-19.

Ao trabalharmos com a Educação do Campo, neste estudo, compartilhamos da ideia de Caldart (2012) no pensamento de que a educação do campo surge mediante as lutas sociais e mobilização de trabalhadores, onde através da organização coletiva esses sujeitos lutam a cada dia pelo direito à educação, trabalho, igualdade e condições dignas de sobrevivência. Sabemos das dificuldades históricas que a educação do campo sempre enfrentou. Consideramos que a educação do campo historicamente se constituiu em um espaço de precarização, mediante a indiferença e, principalmente, pela falta de políticas públicas que atendam essa população.

Nesse compasso, é perceptível que essas novas forma de fazer o ensino estão sendo desafiadoras para todos, a realidade social nos revela que a educação do campo em tempos de pandemia tem perpassado por muitas situações e isso é justificado pela falta de atenção, assim como pelo pouco investimento na educação, especialmente nesse cenário pandêmico, o qual dificultou o acesso e permanência de alunos nas escolas. Tal situação, complexifica garantir aos indivíduos o direito à educação, de maneira que se possa cumprir com eficiência a tarefa de educar e forma sujeito críticos, reflexivos e mediadores da realidade social.

Pensando nesse novo contexto que (viveu) vive atualmente a sociedade, iniciado a partir do contágio em massa da COVID-19, a necessidade de trabalhar essa temática está relacionada com as emergentes mudanças no ensino, provocadas pelas ocorrências da pandemia. Com essa pesquisa, procuramos compreender como aconteceu as aulas remotas e quais foram as dificuldades vivenciadas pelos professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza. Motivou-nos ainda a escolha dessa temática a necessidade de investigar se as metodologias com o ensino remoto proporcionaram ou não uma aprendizagem significativa para os estudantes da escola em estudo.

Em parâmetros metodológicos, nos apoiamos na abordagem qualitativa e assinalamos que o estudo se tipifica como uma pesquisa de campo. A pesquisa teve como *lócus* de investigação a Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, localizada na comunidade de São Lourenço – Felipe Guerra – RN. Do estudo, participaram três professores que lecionam na escola referenciada, na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Como técnica para construção de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas as quais foram realizadas no mês de junho de 2022.

Após dialogarmos com os aspectos que elencam a parte introdutória desse estudo (primeira seção) ressaltamos que organizamos o restante do texto em mais três seções e as considerações finais.

Na seção dois, nominada de “Educação do campo e Ensino Remoto – Debate Conceitual” dialogamos com alguns conceitos baseados na literatura educacional. Situamos o leitor acerca de conceitos como educação rural, educação do campo e escola do campo, bem como apresentamos uma discussão sobre a pandemia causada pela COVID-19, e a mudança do ensino presencial para o ensino remoto emergencial. É uma seção de base teórica, a qual fundamenta o nosso entendimento a nível epistemológico deste estudo monográfico.

Na seção três, “Metodologia do Estudo”, referenciamos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Descrevemos a abordagem da pesquisa (qualitativa), o tipo de pesquisa (a pesquisa de campo) e a técnica de produção de dados (entrevistas semiestruturadas) que utilizamos no estudo. Ainda nessa seção dialogamos a respeito do *lócus* da investigação (Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza) e discorremos algumas características dos três professores, participantes do estudo.

Na seção quatro, intitulada de “Percepções de Professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, a respeito do Ensino Remoto”, são expostos os resultados e a discussão referente as percepções dos professores que participaram da pesquisa. Tal seção, se encontra organizada em três tópicos, os quais foram produzidos a partir dos objetivos específicos propostos à investigação.

Nas considerações finais, arrolaremos sobre as principais reflexões produzidas no estudo, com base no que erguemos de compreensão acerca do objeto em investigação. Desejamos que essa pesquisa some com outras investigações que se reportam a experiência com o ensino remoto, especialmente nas escolas do campo, haja vista que o tema abordado é uma temática nova que está passando por mudanças mediante o cenário que vivemos atualmente.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E ENSINO REMOTO – DEBATE CONCEITUAL

Esta seção, de caráter teórico, apresenta um debate conceitual a respeito da Educação do Campo e o ensino remoto emergencial. Para isso, encontra-se estruturada em três subseções as quais abordam temas específicos que em composição nos auxiliam a compreender a finalidade do estudo monográfico. A primeira subseção discute de forma breve a respeito do conceito da Educação do Campo. Para além disso, elencamos a distinção do que seja Educação Rural e Educação do Campo.

A segunda subseção discorre a respeito das escolas do campo. Para tal fim, consideramos os princípios e especificidades, entendemos que a escola que conhecemos nem sempre existiu, sendo a escola do campo fruto de uma construção socio-histórica, a qual surge e se fortalece no bojo do movimento da educação do campo, que é a partir da luta histórica da classe trabalhadora na disputa contra a hegemonia do capital que se busca o direito a terra, educação, conhecimento e escolarização para os povos do campo. É nesse sentido que está construída a segunda seção.

Por fim, e não menos importante, a terceira subseção, dialogamos a respeito da pandemia causada pela COVID-19. Como o objeto do estudo monográfico se direciona à experiência com o ensino remoto, vimos necessário debater ainda nessa seção sobre a sala de aula na reconfiguração do modelo de ensino presencial para o ensino remoto.

2.1 Educação do Campo – de qual educação falamos?

A Educação do Campo remete a um conceito novo no cenário educacional brasileiro, pois a uma década o que havia era a designação da Educação Rural. Distinguir ambos conceitos é relevante, uma vez que a Educação Rural e Educação do Campo possuem princípios educacionais diferentes, ambas vão se referir ao direito à educação dos povos do campo, porém, com perspectivas divergentes, as quais surgem em períodos históricos e distintos. No que tange à Educação Rural Ribeiro (2012, p. 295) reforça que:

Trata-se dos camponeses, ou seja, daqueles que residem e trabalham nas zonas rurais e recebem os menores rendimentos por seu trabalho. Para estes sujeitos, quando existe uma escola na área onde vivem, é oferecida uma educação na mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas, não havendo, nenhuma tentativa de adequar a escola rural às características dos camponeses ou dos seus filhos, quando estes a frequentam.

Ressaltamos que a Educação Rural foi por muitos anos resultante de um modelo econômico de base capitalista e que historicamente os povos do campo tiveram seus direitos educacionais negados. No que se refere-se à Educação Rural e ao modelo educacional por esta ofertada Azevedo (2007) nos faz entender uma realidade a ser superada, num padrão escolar evidenciado em uma educação atrelada a modelos políticos econômicos, comprometidos com elites e oligarquias. Observamos que na trajetória da Educação Rural o campo foi relegado a espaços marginais em um processo de construção e efetivação de políticas educacionais na realidade brasileira e que o sujeito do campo foi idealizado como modelo de atraso, onde a política educacional organiza-se em compatibilidade com os interesses capitalistas predominantes na conjuntura social.

O ensino no campo durante esse período não considerava a diversidade social do campo, uma vez que seu enfoque se limitava apenas a oferecer à população do campo uma proposta pedagógica que se fundamentava em uma concepção urbana. Em outras palavras, esse modelo de ensino postulava a cidade como referência central, norteando uma educação conduzida pela cidade e indústria como modelos de desenvolvimento.

De acordo com o pensamento de Fernandes e Molina (2004, p. 62 *apud* AZEVEDO, 2007, p. 154), foi nesse sentido que se configurou a educação rural, numa perspectiva de caráter instrumental e assistencialista, designada à classe de trabalhadores do campo e com base no pensamento latinfudiarista de controle político frente à terra e às pessoas que nela vivem. Conforme Leite (2002):

A Educação Rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação política ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: ‘gente da roça não carece de estudos. Isto é coisa de gente da cidade’ (LEITE, 2002, p. 14).

Isso evidencia a ideologia de que a escola brasileira até o início do século XX favoreceu os interesses de elites e oligarquias, a qual como instituição social tem realizado uma educação para satisfazer as exigências políticas e econômicas, sendo que em muitas circunstâncias não coincide com as demandas humanas e sociais dos que a frequentam, especialmente a classe trabalhadora. Para alguns grupos sociais, como negros, mulheres, e trabalhadores rurais não necessitavam aprender a leitura e escrita, uma vez que para produzir o trabalho agrícola, o letramento era desnecessário. De acordo com a concepção de Educação Rural, a educação dada aos indivíduos deve funcionar como uma educação que se transmita a

cada sujeito somente os conhecimentos básicos, pois acredita-se não ser preciso que o sujeito do campo que lida com trabalhos na roça aprenda conhecimentos mais complexos.

Com isso, percebemos a negligência do Estado em relação à escola rural, cultura e costumes dos povos do campo, isso significa dizer que se pretendia formar indivíduos para o mercado de trabalho urbano, uma vez que o sujeito do campo não necessitava de estudos, pois os saberes que deveriam ser praticados na escola rural eram de poucas finalidades, a escola dedicava-se basicamente no desenvolvimento de atividades rurais que lhes ensinassem exclusivamente a mexer com a enxada, ordenhar vacas, produzir plantações e colher alimentos para garantir o seu próprio sustento. Isso leva a considerar que esse modelo de ensino tinha como propósito a exploração de trabalhadores do campo, visando privilegiar a predominância de camadas dominantes e o sistema capitalista. Isso se reflete ao longo da educação escolar brasileira, que durante a história esteve construída sob o princípio urbanocêntrico, onde a principal finalidade era que o camponês soubesse manusear métodos agrícolas. Com base nesse diálogo, Ribeiro (2012, p. 298) argumenta:

Ensinar o manejo de instrumentos, técnicas e insumos agrícolas era o objetivo das escolas rurais de nível técnico, além do relacionamento com o mercado no qual o camponês teria de vender a sua produção para adquirir os ‘novos’ produtos destinados a dinamizá-la, conforme registra a história da educação rural.

É evidente que a Educação Rural apresenta um olhar depreciativo sobre o sujeito do campo, não levando em conta os conhecimentos obtidos ao longo do tempo e transferidos de pai para filho. Assim, a educação rural fez com que o homem (o sujeito) do campo perdesse sua autonomia com a imposição de conhecimentos distantes a esse, onde o agricultor deveria vender a sua produção e adquirir novos produtos para o melhoramento e crescimento da produção. Essa forma de ensino tem visado favorecer as demandas das cidades e dos sujeitos urbanos, uma vez que o rural é visto em oposição ao urbano.

Historicamente, a educação para a população camponesa foi relegada somente com conhecimentos básicos, uma vez que para desenvolver o trabalho do campo não necessitava de muitos conhecimentos. Em paralelo a esta realidade, as populações do campo que vinham sendo excluídas desse processo começam a se mobilizar por meio de articulações. Dessa articulação surge um modelo educacional diferente do proposto pelo governo e, em meio a esse cenário, nasce a Educação do Campo. Essa modalidade educativa tem como finalidade se contrapor à Educação rural, surge por meio da organização de movimentos sociais na intenção de lutar e reivindicar pelo direito de estudar no campo. Conforme Caldart (2012, p. 259):

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Compreendemos que a Educação do Campo nasceu mediante as necessidades dos sujeitos que vivem do e no campo, que por meio da luta organizada pelos movimentos sociais buscou pensar um novo paradigma educacional. Os povos do campo buscavam em suas lutas concernir uma política de educação condizente com suas realidades. Em outras palavras, uma educação voltada para a classe trabalhadora, que tem o campo como instrumento e referência de vida.

A Constituição Federal de 1988 foi um marco na historicidade da Educação do Campo, a partir dessa constituição foi configurado demarcações em defesa do direito da educação no espaço rural. Assim, a legislação brasileira reintegrou a democracia no Brasil, no sentido de que preconizou uma maior responsabilidade do Estado com a esfera educacional. Conforme estabelece o artigo federativo 205: “A educação é direito de todos e dever do Estado e da Família” (BRASIL, 1988). Através da Constituição Federal a população camponesa passou a ser incorporada no discurso e requisição de direitos políticos e sociais, dentre esses o direito a igualdade, o acesso e permanência da educação escolar de qualidade.

A partir dessa constituição a política educacional foi passando por diversas atualizações até chegar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394), de 1996, a qual passa a favorecer a população camponesa, no sentido de reconhecer a necessidade de ofertar uma educação básica para os povos do campo, buscando adequar às suas especificidades. Compreendemos que a LDB de 1996 possibilitou um maior favorecimento daqueles que vivem no campo, pois através dessa lei foi possível conservar os valores sociais e culturais do trabalhador do campo.

O artigo 28 pondera:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I – Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II – Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III – adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

Reafirmamos que a Educação do Campo surgiu para quebrar paradigmas, a começar pelas transformações no plano da Educação Básica para a população rural, de maneira que garantisse melhorias para os sujeitos, na oferta de uma educação básica que promovesse no sistema de ensino a adaptação necessária conforme as peculiaridades da vida dos povos do campo. A Educação do Campo foi por muito tempo excluída de políticas públicas educacionais, somente com a constituição de 1988 é que a educação e os moradores do campo passam a ter seus direitos de escolarização garantidos por lei como são previstos na legislação. A consolidação da Educação do Campo é resultado de lutas de povos protagonistas que se depararam com a ausência do direito à educação para os seus próprios sujeitos. O embate desses atores frente a esta realidade buscou construir alternativas que acolhesse suas necessidades.

É por meio da realização de duas conferências nacionais que a Educação do Campo e os movimentos sociais encontram espaço, com essas conferências se dá o surgimento da expressão Educação do Campo, a qual nasce inicialmente como Educação Básica do Campo por meio da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia – Goiás, no ano de 1998. A partir disso, passa a ser nominada Educação do Campo, através de diálogos desenvolvidos no seminário nacional em Brasília ocorrido em novembro de 2002, deliberação reafirmada na II conferência nacional de julho de 2004 (CALDART, 2012).

No que fundamenta o conceito da Educação do Campo, Caldart (2012, p.259) salienta novamente que:

Como conceito em construção, a Educação do Campo, sem se descolar do movimento específico da realidade que a produziu, já pode configurar-se como uma categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outros lugares e com outras denominações.

Assim, compreendemos que o conceito da Educação do Campo não apresenta definição formada, encontra-se em processo de construção. Entendemos que construir um conceito para a Educação do Campo é necessário fazer uso da realidade do campo, mesmo estando em construção. Assim, se tornaria raso definir uma educação tão ampla a um conceito específico, seria reduzir a Educação do Campo em poucas palavras, o que seria injusto frente a tantos movimentos de lutas, dos percursos históricos que marcaram o passado e a busca por mudanças na realidade dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. A partir disso, entendemos que quando se discute o conceito da educação do campo significa pensar uma

educação construída a partir das lutas dos movimentos sociais de maneira que se reafirme o processo de educação emancipatória, a qual incorpora o seguimento histórico, de perspectiva colaborativa na construção social e humana desses sujeitos. Conforme fundamenta Caldart (2012, p. 264).

Nos embates que lhe têm constituído, a Educação do Campo reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana de longo prazo. Faz isso ao se mover pelas necessidades formativas de uma classe portadora de futuro.

Denotamos que a Educação do Campo é uma conquista dos movimentos sociais, a qual surgiu com a finalidade de mudar a vida dos sujeitos do campo em vários aspectos, seja em questões sociais, culturais e educacionais. A garantia dessa educação por meio de leis determina uma obrigatoriedade de projetos e práticas educacionais, é por meio dessas que a Educação do Campo se torna legalmente emancipatória, em que a perspectiva de construção da sua própria realidade da terra seja vigorada, sem respaldo de características urbanas, abandonando a realidade das práticas escolares das cidades e focando nas necessidades formativas, humanas e sociais daqueles que têm o campo como espaço de vida.

2.2 Escola do Campo: princípios e especificidade

No que fundamenta o assunto a respeito da escola do campo é importante salientar que Silva (2016), com base em uma perspectiva teórica crítica, entende que a escola enquanto prática social, assim como conhecemos, nem sempre existiu e nem sempre foi tal qual observamos. Nas palavras do autor, fica claro que a escola é resultado da invenção humana, sendo essa uma construção socio-histórica. Na busca de compreender a escola e seu movimento histórico Silva (2016, p. 107) eleva que:

A escola, tal qual a realidade como um todo, é movimento, que se tece nas contradições, que impulsionam as transformações sociais nas quais está inserida. Se a escola expressa o projeto hegemônico das classes dominantes, possui em seu interior movimentos que contradizem esse projeto.

Historicamente, as escolas do campo foram consideradas como instrumentos das classes dominantes para a manutenção do projeto hegemônico. Compreendemos que em meio a uma sociedade capitalista e a ascensão da burguesia, o campo foi ao longo dos anos marginalizado e renegado dos seus direitos e políticas públicas de educação, uma vez que importaria somente o desenvolvimento das cidades e indústrias, visto que essa é considerada

como lugar civilizador e de sociabilidade. É evidente que em meio a esse paradigma, o capitalismo direciona intencionalidades governantes para uma educação somente para escolas das cidades e com isso acaba priorizando a educação urbana.

Diante disso, fica claro que com essa visão modernista a educação para os povos do campo é deixada em segundo plano. Em meio a essa ótica, percebemos a importância de pensar concepções e perspectivas de uma educação crítica frente à visão hegemônica, uma escola do campo que expresse movimentos que venham contradizer o projeto hegemônico. Em outras palavras, uma escola que venha a se contrapor à educação capitalista no campo, a qual constitua as intencionalidades e materialidades da luta do povo camponês, com práticas educativas articuladas à emancipação humana e integralidade dos sujeitos do campo, buscando a transformação social em uma educação que leve em conta os sujeitos do campo e suas especificidades.

Para obter melhor entendimento sobre as especificidades dos sujeitos que vivem no campo, é necessário pensar a escola do campo, e também o contexto de outras escolas, desvelar a situação e condições que caracterizam as relações e correlações de ensino. Assim, entenderemos o desfecho de suas particularidades. É sabido que historicamente há circunstâncias de caráter complexo envolvendo a escola do campo, isso é claramente percebido pela diferença de oferta em que o meio urbano se sobressai. Assim, se nota que a escola do campo necessita de um olhar especial, na designação de ações de ensino capazes de compreender suas especificidades. Para compreendermos os princípios e especificidades que comportam a escola do campo, partimos da sua concepção à luz de Molina e Sá (2012, p. 326), as quais dizem:

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo.

Cabe salientar que o debate a respeito da escola do campo ganha espaço a partir das lutas do movimento da Educação do Campo, na busca pelo direito à terra e educação. Assim, a escola do campo se coloca em oposição à idealização da escola hegemônica e os projetos de cunho capitalista elaborados para a classe trabalhadora. Dessa forma, a concepção de escola do campo está enraizada no processo histórico de lutas da classe trabalhadora na busca pela superação do paradigma capitalista. A escola do campo aqui abordada busca o acesso ao conhecimento e condições dignas que garantam aos povos do campo o direito a escolarização, considerando as especificidades que se inserem na vida social de quem dela faz parte.

Dessa forma, a escola do campo assume sua especificidade no sentido de romper com a ideia de que a escola no campo deve se constituir como uma dimensão da escola urbana. Por isso, a escola do campo deve ser pensada como espaço de formação e construção de conhecimentos direcionados ao desenvolvimento social daqueles que vivem no meio rural. Ademais, a educação para os povos do campo deve ser pensada em uma condição formativa na elaboração de propostas que incorporem a história de vida e de lutas da classe trabalhadora por terra e educação.

No bojo dessa discussão, percebemos que é por meio da educação articulada com os saberes e realidades dos próprios sujeitos envolvidos no processo de educação que os trabalhadores tem o direito e a possibilidade de acessar o conhecimento de um ensino contextualizado com a realidade social vivenciada por este. Conforme reportam Molina e Sá (2012, p. 331):

[...] Uma das maiores possibilidades da escola do campo é articular os conhecimentos que os educandos têm o direito de acessar, a partir do trabalho com a realidade, da relação entre educação, cultura e os conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento.

Nesse sentido, compreendemos que se faz necessário uma educação vinculada com a realidade social de maneira que valorize a identidade e cultura do povo camponês, uma vez que essa obtém significado no conjunto de vivências do grupo social. Assim, a escola do campo passa a funcionar como um espaço de fortalecimento de lutas, na formação de indivíduos com possibilidades de ampliação e saberes que dominam o cotidiano cultural da comunidade camponesa, sendo que nesse segmento o trabalho possui um significado e a terra passa a ser o maior sentido da existência.

A escola do campo necessita de uma educação específica, isto é, uma educação pensada a partir dos sujeitos do campo tendo em vista a integração de seus ideais, práticas de trabalho, organização social e cultural. Desse modo, os conhecimentos oportunizados nesse processo serão significativos na vida e luta dos sujeitos. Com base nessa discussão, Caldart (2002, p. 24) fundamenta:

Construir uma escola do campo significa pensar e fazer a escola desde o projeto educativo dos sujeitos do campo, tendo cuidado de não projetar para ela o que sua materialidade própria não permite; trazer para dentro da escola as matrizes pedagógicas ligadas, às práticas sociais; combinar estudo com trabalho, com cultura, com organização coletiva, com postura de transformar o mundo.

Diante do exposto, compreendemos que esses são os princípios que comportam a escola do campo, de maneira que na construção de uma escola do campo é necessário incluir

o reconhecimento dos sujeitos do campo como cidadãos do processo educacional e de sua própria identidade, isto é, uma escola política e pedagogicamente relacionada com a história, cultura e fundamentos humanos e sociais dos sujeitos do campo.

Assim, torna-se imperioso incorporar no currículo da escola do campo saberes que propiciem a formação humana articulada com a emancipação e o pleno desenvolvimento social do ser humano, com conhecimentos escolares vinculados às matrizes culturais do campo. A escola do campo, enquanto lugar de valorização do sujeito da terra, baseia-se nos princípios da ética, igualdade e autonomia de maneira que busca uma educação para o campo que possa contribuir na formação dos sujeitos enquanto cidadãos políticos, sociais, críticos e produtivos, percebendo-se enquanto agentes transformadores do mundo. De acordo com a concepção de Silva (2016, p.122):

A escola do campo faz parte do projeto de campo da agricultura camponesa e da reforma agrária popular. Uma escola vinculada aos interesses da população do campo, sua cultura, seu trabalho, suas lutas e sua vida. Uma escola promotora do desenvolvimento do campo como lugar de viver e ser feliz, não como lugar de atraso; nem como lugar de negócio.

Salientamos que a escola do campo surge na intencionalidade de defender a necessidade da contextualização da educação para a realidade camponesa, em que se busca construir uma educação a partir dos sujeitos e suas especificidades. Dessa forma, a escola do campo proporciona uma educação para todos aqueles que no campo vivem, de maneira a somar para o desenvolvimento do campo através do resgate da cultura e valorização da agricultura camponesa. Não obstante, busca, através da educação, melhores condições de vida para a população camponesa, assim como tenciona assegurar que o homem do campo permaneça no meio rural. Em outras palavras, isso significa possibilitar que crianças e jovens do campo continuem no meio rural engajados em um projeto de educação que valoriza seus saberes, culturas, costumes, lutas e tradições.

2.3 Ensino remoto e pandemia causada pela COVID-19

A COVID-19 é o nome dado à doença associada a um vírus que acometeu diversas pessoas do Brasil e do mundo. De acordo com a descrição do Ministério da Saúde (BRASIL, 2021, p. 7), a COVID-19 é caracterizada como uma “Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”. No fim do ano de 2019 ocorreram os primeiros casos de transmissão do coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi inicialmente identificado na China. No entanto, em um

ato contínuo, o vírus foi se disseminando de forma rápida por todo o planeta, isso através da transmissão de uma pessoa infectada para outra.

De acordo com as evidências mais atuais que o ministério da saúde (BRASIL, 2021) elenca, dentre os sintomas mais comuns presentes na COVID-19 se encontram a tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldades para respirar, perda de olfato, alteração do paladar, cansaço e diminuição do apetite. Vale dizer que há uma variabilidade que se manifesta nos sintomas de quem é infectado por esse novo corona vírus, isso dar-se mediante a genética de cada pessoa, pois há pessoas que reagem a covid-19 de formas diferentes, uma vez que acontece pessoas infectadas com poucos sintomas ou sendo assintomáticas, não necessitando de atendimento hospitalar, entretanto, há casos com infectados que desenvolvem quadros críticos que apresentam dificuldades ao respirar. Vale salientar que pessoas com comorbidades, doenças crônicas e com idade maior que 60 anos possuem maior facilidade de serem atingidas de forma grave pela doença.

O ministério da Saúde (BRASIL, 2021) assinala que no Brasil, o primeiro caso identificado pela contaminação provocada pela COVID-19 ocorreu no mês de fevereiro do ano de 2020. O enunciado de transmissão comunitária no país aconteceu no mês de março, mês este que também registrou a primeira morte pela doença. Assim, os dias se passavam e com esses, um crescimento rápido de novos casos e mortes. Com isso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto dessa doença como pandemia.

Denotamos que a alta transmissibilidade ocasionada pelo vírus gerou um número absoluto de morte em todo o mundo, uma vez que o vírus se propaga de pessoa para pessoa por meio de diversas formas. Conforme respalda o Ministério da Saúde (BRASIL, 2021, p. 8), “a transmissão da doença pode ocorrer diretamente, pelo contato com pessoas infectadas, ou indiretamente, pelo contato com superfícies ou objetos utilizados pela pessoa infectada”. Compreendemos ainda que a transmissão da COVID- 19 costuma aparecer através do contato físico, bem como na inalação de gotículas de saliva e secreções respiratórias suspensas no ar, quando a pessoa infectada pelo coronavírus espirra ou tosse. Assim, evidenciamos que são diversas as formas de transmissão causadas pelo novo coronavírus.

Mediante essa nova realidade vivenciada pela sociedade devido ao grande crescimento de contaminação pela doença, foi sugerido pelo âmbito governamental a adoção de medidas emergenciais, a fim de tentar reduzi a propagação da doença. Assim, com a disseminação do vírus, foi necessário adotar o distanciamento social, isso com o objetivo de evitar a propagação em massa, em que a implementação dessas deliberações atingiu consequentemente muitos setores, especialmente o educacional. De acordo com a concepção

de Aquino *et al.* (2020, p. 2425- 2426) foram adotadas várias medidas para deter a transmissão do vírus as quais incluem “O fechamento de escolas e locais de trabalho, a suspensão de alguns tipos de comércio e o cancelamento de eventos para evitar aglomeração de pessoas”.

Assim, devido à pandemia causada pela covid-19 que mudou consideravelmente o cotidiano atual, uma das primeiras medidas tomadas foi o distanciamento social, com isso diversos setores tiveram que fechar as portas, seguindo em funcionamento somente serviços necessários, como supermercados, farmácias e postos de combustíveis. Nesse percurso, dentre as mudanças na vida social, a rotina escolar foi uma das mais impactadas, uma vez que as escolas suspenderam as atividades presenciais por tempo indeterminado. Considerando o cenário pandêmico foi orientado pelo Ministério da Educação (MEC) a modificação do ensino presencial pelo modelo de ensino remoto emergencial, em que por meio da portaria nº 343, de 17 de março de 2020 ficou estabelecida “a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19” (BRASIL, 2020, p. 1). Em razão disso, professores e alunos se encontraram de forma repentina diante de outro formato de ensino.

Com efeito, o ensino remoto foi instaurado com o propósito de dar continuidade às atividades, como forma de reduzir os impactos provocados pelo afastamento e garantir que os alunos continuassem aprendendo, e com isso tivessem o direito à educação assegurado. No que fundamenta o assunto sobre o ensino remoto diante da atual situação, Moreira e Schlemmer (2020, p. 9) salientam que “[...] O Ensino Remoto de Emergência é, na realidade, um modelo de ensino temporário devido as circunstâncias dessa crise”. Em virtude do caráter emergencial da pandemia, foi necessária a desestruturação do modelo presencial de ensino, em que as escolas precisam migrar para o modelo de ensino remoto, essa migração concebeu uma transferência de práticas e metodologias, uma vez que do ensino presencial passaram-se a ser utilizadas as plataformas virtuais. No tocante à discussão, Moreira *et al.* (2020, p. 352) salientam que com o ensino remoto:

Os professores se transformaram em youtubers gravando vídeoaulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o Skype, o Google Hangout ou o Zoom e plataformas de aprendizagem, como o Moodle, o Microsoft Teams ou o Google Classroom. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo.

Evidenciamos que em meio a esse contexto, a sociedade vivenciou um cenário atípico, em que o uso das ferramentas digitais se tornou imprescindível para os espaços escolares, uma vez que a sala de aula foi substituída pela sala virtual. O fato de vivenciar essa realidade fez com que os professores se distanciassem da maneira tradicional de ensinar e de forma repentina se aproximassem do uso das tecnologias digitais. Assim, se faz importante reconhecer que diante desse novo cenário o processo de ensino-aprendizagem passou a ter como principal ferramenta, as tecnologias da comunicação e informação (TCI), uma vez que a situação da pandemia fez com que se desencadeasse mudanças pedagógicas para o desenvolvimento do ensino.

A maneira com que o ensino remoto foi organizado deixa evidente que essa modalidade chegou de forma inesperada fazendo com que professores e alunos migrassem para outra realidade, essa migração fez com que se incorporassem tecnologias, as quais convocam a transformação de práticas e metodologias, fazendo com que professores repensem novas formas de ensinar e se conectar com as pessoas. É fato que o ensino remoto passou a ser a solução diante da crise sanitária que vivemos, e com essa perspectiva ficou claro o uso urgente das tecnologias. Nessas circunstâncias há sobre os educadores a necessidade de transformar os modos de pensar a educação, sendo preciso instaurar novos métodos pedagógicos, impulsionados por essa nova realidade, em que é colocado em evidência o uso de ferramentas digitais como home office, as plataformas, as reuniões virtuais, gravação de vídeo aulas, dentre outros, isso com o intuito de diminuir os malefícios provocados aos estudantes afetados no processo de ensino aprendizagem.

Em contrapartida, esse novo sistema se mostra deficiente em vários aspectos, uma vez que o uso destes novos recursos audiovisuais e tecnológicos podem comprometer o ensino, de maneira que os instrumentos usados apenas em uma perspectiva meramente instrumental podem reduzir as práticas e metodologias a um ensino unicamente transmissivo.

Frente às mudanças impostas no modo de ensinar emerge a necessidade de reconhecer que existem dificuldades peculiares nessa modalidade de ensino, conforme fundamenta Ferreira e Santos (2021, p. 2):

O sistema educacional não estava preparado para enfrentar uma pandemia, não apenas na questão voltada a saúde, mas também no acesso ao ensino. Muitas escolas e seus alunos, principalmente nas zonas rurais não possuem acesso à internet ou falta-lhe equipamento tecnológico para utilizá-lo. Tendo vista que professores não tinham conhecimento do que eram aulas remotas, faltando-lhes assim uma qualificação, pois na grande maioria não utilizavam recursos tecnológicos para ministrar suas aulas.

Destacamos que a mudança repentina de ensino trouxe desafios pedagógicos, devido à falta de habilidade e experiência de professores para encarar o uso das tecnologias digitais em sala de aula, pois com o início do distanciamento social, muitos docentes não tiveram a formação técnica necessária para o uso de ferramentas tecnológicas no ensino remoto, não somente isso, mas, também os enfrentamentos dos próprios estudantes para lidar com aulas a distância, pensando especialmente nas pessoas que vivem no campo. Partimos da premissa que as populações do campo são as mais atingidas pela forma como o ensino remoto se desenvolve, uma vez que manter o vínculo com essa classe estudantil durante o ensino remoto é um grande desafio, haja vista que muitos estudantes não possuem computador, celular e um ambiente propício para os estudos.

Desse modo, convém ressaltar que durante esse momento pandêmico esses fatores realçam não somente a fragilidade da escola, mas também as disparidades prejudiciais para promoção de um ensino de qualidade, um ensino que garanta o mínimo de igualdade em condições de acesso. Contudo, fica evidente que a educação na pandemia tem sido um desafio, tendo em vista que as circunstâncias provocadas pela pandemia aumentaram as desigualdades, de maneira que os estudantes com maior vulnerabilidade foram os mais atingidos. Conforme ratificam Ferreira e Santos (2021, p. 5):

A prática de aulas remotas deixou ainda mais evidente a desigualdade que existe no nosso país, principalmente a desigualdade social, cultural e educacional. Pois para que esse método de ensino possa acontecer há a necessidade do acesso à internet e aos recursos necessários para essa, sendo óbvio que os alunos das escolas públicas, principalmente os mais carentes das zonas rurais não possuem esse recurso ou se possui é de baixa qualidade.

Como linhas conclusivas a essa discussão, não podemos deixar de frisar que a pandemia causada pela COVID-19 impactou a educação brasileira, é inegável que a falta de políticas públicas para a educação coloca o cotidiano escolar em uma realidade brusca e caótica, em que nesse recorte o formato adotado em caráter emergencial revela que a sala de aula se modificou, em que essa mudança implementou novas tendências e práticas na continuidade do processo educacional. Com esse novo cenário, percebemos que o ramo da educação necessita ser pautado em estratégias que possam democratizar o ensino, uma vez que é necessário garantir uma política de educação com oportunidades de recursos necessários para a utilização das novas estratégias e tecnologias do ensino.

3 METODOLOGIA DO ESTUDO

Esta seção registra os aspectos metodológicos do estudo. Dessa forma, apresentamos aqui a abordagem usada em nossa investigação, o tipo de pesquisa e a técnica usada para produção dos dados. Na mesma seção, discorreremos sobre os sujeitos participantes da pesquisa e abordamos algumas características da escola (*lócus* da nossa investigação). Para registrarmos textualmente a metodologia da pesquisa organizamos a seção a partir de cinco subseções, ordenamos dessa forma como uma maneira de sistematizar nossas ideias e proporcionar ao leitor melhores entendimentos sobre os caminhos percorridos em nosso estudo.

3.1 Abordagem da investigação – a pesquisa qualitativa

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, a qual visa compreender o tema abordado frente à ótica dos sujeitos do estudo. De acordo com o pensamento de Medeiros, Varela e Nunes (2017) esse tipo de abordagem tem sua fundamentação na interpretação e compreensão do mundo social, isso significa que o pesquisador qualitativo tenciona enfocar nos sujeitos investigados, tentando compreender os fenômenos em termos de significados a partir da perspectiva dos atores sociais envolvidos. Chizzotti (2006) compartilha desse pensamento, uma vez que para o autor “O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2006, p. 28).

Nesses termos, entendemos que a pesquisa qualitativa, designa-se como um tipo de abordagem de investigação que preza pela descrição minuciosa dos fenômenos e elementos que a circundam. Para Flick (2009 *apud* MEDEIROS; VALERA; NUNES, 2017, p. 176) essa abordagem “caracteriza-se como aquela que estuda o mundo externo, ou seja, não se restringe a laboratórios e experimentos”. Assim, compreendemos que a pesquisa qualitativa penetra no mundo dos significados, das ações e relações humanas, seus resultados não apresentam números exatos, e sim exprimem as ideias, narrativas e experiências dos participantes.

Medeiros, Varela e Nunes (2017) somam a essa discussão ao elucidarem que na abordagem qualitativa os caminhos percorridos no processo da investigação partem do modo particular para o geral, nesse sentido, o pesquisador ao fazer uso dessa abordagem se conduz a realizar a análise dos dados se utilizando da indução. Na perspectiva desses autores, esse tipo

de abordagem não se restringe aos testes de hipóteses, uma vez que estas são desenvolvidas durante o percurso da investigação.

As ideias apontadas por Medeiros, Varela e Nunes (2017) nos fazem compreender que a abordagem qualitativa se faz dentro de suas características como um tipo de investigação flexível. Para esses autores, é priorizado dentro dessa abordagem de pesquisa a interpretação e compreensão, uma vez que a mesma pretende adentrar na realidade social. Nas palavras dos autores, fica claro que nessa modalidade de investigação a interpretação é o aspecto que contorna todo o processo de ordenação da pesquisa, uma vez que a interpretação do fenômeno social e educativo o qual se investiga é o ponto relevante para produzir os sentidos e significados em uma investigação. Seguindo a linha de pensamento desses autores, elencamos que a pesquisa qualitativa permite contar com uma visão mais ampla acerca do cenário em estudo, o pesquisador nesse processo aprofunda uma compreensão mais próxima da realidade estudada, constrói mecanismos com base nela e se forma por tal.

Feitas essas considerações, enfatizamos que elegemos a abordagem qualitativa em nosso estudo, tendo em vista que não buscamos vislumbrar aspectos quantificáveis. Pensamos que ao perspectivarmos a abordagem qualitativa na pesquisa, ela nos encaminha naturalmente para compreensão dos fenômenos que abrangem a temática central investigada – Educação do Campo e o Ensino Remoto Emergencial.

Evidenciamos, que ao demarcarmos a pesquisa com a abordagem qualitativa não desprestigiamos a capacidade de outras abordagens de investigação a nível de construção das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, tais como a abordagem quantitativa e a quali-quantitativa (mista). Porém, destacamos que para a referida investigação selecionamos a pesquisa qualitativa, visto que nos aproximou de maneira direta com a situação estudada, uma vez que buscamos compreender os fenômenos educacionais a partir da perspectiva dos sujeitos participantes da situação em estudo. Além disso, essa abordagem nos dá a possibilidade de realizarmos uma análise mais interpretativa do nosso objeto de estudo, ao passo que produzimos significados nos discursos atestados pelos participantes da investigação.

3.2 Tipo de estudo – a pesquisa de campo

Para alcançarmos os objetivos e objeto de estudo traçados no início deste trabalho monográfico, optamos por utilizar como tipo de estudo a pesquisa de campo. Dessa forma, entendemos que essa pesquisa se tipifica como uma pesquisa de campo por possibilitar que

adentremos em prática no campo investigativo, com a finalidade de observarmos os fenômenos processados na realidade que nos propomos analisar. Para argumentar a nossa concepção citamos Gonçalves (2001), *apud* Piana (2009, p 169):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Em consonância a essas palavras, entendemos que a pesquisa de campo se apresenta como uma possibilidade de aproximação com aquilo que se tenciona estudar, nela o pesquisador dirige-se a campo com o objetivo de conhecer determinada realidade, usando diferentes técnicas de produção de dados para construção do estudo. Elucidamos que a pesquisa de campo é utilizada quando pretende-se investigar a fundo os fenômenos e fatos no âmbito em que se manifestam. Assim como a abordagem qualitativa, o pesquisador necessita de um contato mais direto com os sujeitos investigados, nessa situação é preciso conduzir-se ao local onde o objeto de estudo se encontra delineado, com o objetivo de reunir as informações necessárias para o estudo.

Podemos ressaltar ainda que a pesquisa de campo se caracteriza pelo estudo de populações, comunidades e instituições com o objetivo de compreender as singularidades de determinada realidade. Para as autoras Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186). Assim, entendemos que a pesquisa de campo é uma investigação que dentro do seu processo tem a finalidade de compreender e explicar o problema pesquisado. Nesse estudo, nos esforçamos na busca por respostas que explicassem o problema investigativo. A partir disso, procuramos analisar as percepções de três professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza – Felipe Guerra\RN com o intuito de reunir um conjunto de informações sobre a problemática pesquisada.

Esclarecemos que esse tipo de pesquisa se associa ao nesse estudo, considerando que para realizar a investigação foi desenvolvida uma pesquisa no campo da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza procedida por uma observação (informal) do espaço e dos sujeitos que fazem parte do contexto que se pretendeu investigar. Validando essas dimensões metodológicas da pesquisa, foi possível a partir do trabalho de campo realizado na

escola em questão, analisarmos *in loco* os aspectos da escola e conhecermos de maneira próxima a realidade estudada.

3.3 A entrevista semiestruturada como técnica para produção de dados

Na continuidade acerca das dimensões metodológicas do estudo, enfatizamos que para a produção dos dados relativos à pesquisa utilizamos das entrevistas semiestruturadas. Segundo Fraser e Gondim (2004) esse tipo de entrevista, é compreendida no meio científico como uma técnica de investigação categoricamente flexível. O pesquisador desenvolve a entrevista a partir de um roteiro composto por perguntas (abertas e fechadas) previamente estabelecidas, porém, apresenta flexibilidade considerando que durante o diálogo entre investigador e participante podem ser incluídas novas questões no caso de ser identificada essa necessidade ao longo da conversa.

A partir da concepção dessas autoras, entendemos que a entrevista semiestruturada se distingue pelo caráter aberto e não estruturante, sendo isso que a torna uma técnica mais espontânea do que as demais. Conforme Barros e Lehfeld (2000, p. 58) “a entrevista semiestruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa”.

Escrito isto, interpretamos que a entrevista semiestruturada é uma técnica fundamental de investigação que permite ao pesquisador obter uma grande quantidade de informações acerca do seu objeto de estudo. Contudo, entendemos a partir das palavras das autoras Fraser e Gondim (2004), que as entrevistas semiestruturadas são comumente utilizadas em estudos qualitativos no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, isso se deve ao fato de que essa técnica ao privilegiar a fala dos atores sociais, possibilita obter maior compreensão e sentidos das narrativas sobre a construção dos significados concedidos na experiência dos sujeitos entrevistados.

Nessa investigação, elaboramos um roteiro composto pelo conjunto de doze (12) questões abertas e algumas complementares. Essas questões complementares foram consideradas como informações adicionais sobre os professores, participantes do estudo que nos proporcionaram conhecê-los melhor profissionalmente. As questões propostas foram pensadas visando contemplar os três objetivos específicos da investigação. Elencamos que a realização das entrevistas ocorreu durante o mês de junho do ano de 2022. As entrevistas foram agendadas com contatos prévios, tendo o seu dia e horário marcado de acordo com a

disponibilidade dos entrevistados. Como residimos no mesmo ambiente territorial dos participantes do estudo, realizamos os agendamentos das entrevistas no dia e horário combinado. Durante o processo das entrevistas consideramos as recomendações de biossegurança indicadas pelo Ministério da Saúde (Máscara de proteção, uso de álcool em gel e distanciamento físico de dois metros entre os indivíduos). A entrevista com um docente foi realizada durante a primeira quinzena de junho do ano de 2022. Já a entrevista constituída com as duas docentes que também compõem o quadro escolar foi efetivada na segunda quinzena do mês em discussão.

Conforme mencionamos, organizamos as questões a partir dos três objetivos específicos do estudo, centramos para dois objetivos específicos, o número de cinco questões, para o terceiro objetivo específico, pensamos em duas questões que visam atingi-lo. Dessa forma, sistematizamos o total de doze questões no geral. Em quadro seguinte, apresentamos os objetivos do estudo e as questões constituídas na investigação.

Quadro 1 – Organização do Roteiro das Entrevistas Semiestruturadas

Objetivo geral do estudo	
▪ Analisar as percepções de professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza – Felipe Guerra\ RN a respeito do ensino remoto.	
Objetivos específicos	Questões produzidas a partir dos objetivos do estudo
▪ Identificar, na percepção dos(as) professores(as), os desafios e as possibilidades com as aulas virtuais no ensino remoto, bem como a respeito do uso das tecnologias digitais para o processo de ensino-aprendizagem.	1. O que o(a) senhor(a) entende por Ensino Remoto? 2. O que o(a) senhor(a) entende por tecnologias digitais? 3. O que o(a) senhor pensa sobre o ensino remoto e o uso das tecnologias digitais na escola durante a pandemia causada pela COVID-19? 4. Quais os principais desafios identificados pelo(a) senhor(a) com as aulas virtuais no ensino remoto durante a pandemia causada pela COVID-19? 5. O(a) senhor(a) considera que o uso das tecnologias digitais para realização das aulas virtuais possibilitou a aprendizagem dos(as) seus(suas) alunos(as) durante a pandemia causada pela COVID-19? Comente sua resposta.

▪ Descrever as experiências dos professores acerca das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas no período da pandemia causada pela COVID-19.	6. Descreva como eram planejadas as atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas no período da pandemia causada pela COVID-19? 7. Narre sobre sua experiência em lecionar aulas na modalidade de ensino remoto? Quais as principais metodologias de ensino o(a) senhor(a) desenvolveu? 8. Quais as principais ferramentas digitais utilizadas no ensino remoto durante a pandemia causada pela COVID-19? 9. Quais as principais estratégias de ensino o(a) senhor(a) utilizou para sanar as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem com os(as) alunos(as) durante o período das aulas remotas? 10. Durante o período com o ensino remoto na escola, o(a) senhor recebeu apoio da instituição ou da secretaria de educação do município? O(a) senhor(a) participou de alguma atividade de formação para atuar com o ensino remoto e as tecnologias digitais? Se sim, quais?
▪ Evidenciar dificuldades e impactos no cotidiano da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra\RN, para a educação dos sujeitos do campo, mediante o contexto da pandemia causada pela COVID-19.	11. Na sua opinião, quais foram as dificuldades e impactos evidenciados no cotidiano da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra\RN, para a educação dos sujeitos do campo, mediante o contexto da pandemia causada pela COVID-19? 12. O(a) senhor(a) acredita que a modalidade de ensino remoto usada durante o contexto da pandemia causada pela COVID-19 correspondeu às dificuldades e impactos causados na educação dos sujeitos da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra/RN? Comente sua resposta.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Assinalamos que durante a realização das entrevistas procuramos tornar os momentos mais naturais. Esclarecemos aos três participantes do estudo que sua identidade por momento algum seria revelada e que todos os dados seriam preservados e usados unicamente para fins acadêmicos. Buscamos deixá-los à vontade para falar abertamente o que considerassem necessário. Nos encontros, destinamos um tempo para colhermos as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em cada momento realizamos a sua leitura e explicamos aos colaboradores da pesquisa a finalidade desse documento. Somente após esses procedimentos foi dado continuidade nas entrevistas.

Realizamos a leitura de cada questão, bem como explicamos o que tencionava cada uma delas. As três entrevistas realizadas com os sujeitos do estudo foram registradas com a utilização de um gravador, buscando assegurar autenticidade nas falas dos professores que atuam na Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza – Felipe Guerra/RN. Após a finalização das entrevistas fizemos as suas transcrições conforme o consentimento dos participantes. Em relação a durabilidade das entrevistas, informamos que o tempo variou em cada entrevista entre os totais de 45 minutos a 50 minutos. Registramos que as transcrições das entrevistas serão utilizadas para progressão da construção de dados que apresentaremos na seção que seguira mais adiante.

3.4 Os participantes da investigação – três professores

Para essa pesquisa, foram convidados a participar três professores que lecionam na Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, localizada na comunidade de São Lourenço, Felipe Guerra – RN. Por questões éticas, não revelaremos os nomes identitários dos participantes da pesquisa, mas apresentaremos, na sequência, alguns aspectos característicos que compõem os sujeitos da investigação. Registramos que para participarem do estudo, os docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento elaborado por nós, o qual autoriza a divulgação das informações disponibilizadas pelos participantes. Visando resguardar a identidade dos professores que contribuíram com a pesquisa, nominaremos os docentes no decorrer deste escrito como Professor “A”, Professora “B” e Professora “C”.

Em relação ao Professor “A”, é licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, possui também formação em Pedagogia EAD (Educação a distância) pela Universidade Cruzeiro do Sul. No ano de 2022, se encontra com a experiência de 10 anos na área da educação. Registrou-nos que a exatamente 03 anos atua como profissional da Educação do Campo, mesma quantidade de anos que realiza suas atividades como docente na escola do estudo. É professor efetivo da Prefeitura Municipal de Felipe Guerra – RN, cidade em que reside. O professor leciona na escola, *lócus* da pesquisa em uma turma composta por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Informou-nos que sua turma no ano de 2022 é composta pelo número de 9 alunos. No momento em que participou da pesquisa o professor se encontrava com 32 anos de idade.

A Professora “B”, na continuidade, é graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, possui especialização em Arte e Educação Física na

Infância pela UFRN. Exerce atividades na área educacional desde 1998. A referida professora relatou que durante toda a sua trajetória educacional sempre lecionou em escolas das comunidades rurais do município de Felipe Guerra\RN, o que a torna uma profissional da Educação do Campo com experiência de 24 anos dedicados às atividades em escolas da zona rural. Na escola em que desenvolvemos a pesquisa, informou-nos que trabalha na instituição há exatamente 15 anos como professora efetiva da rede de ensino do município de Felipe Guerra\RN. No ano em que participou da pesquisa, a professora lecionava na Educação Infantil em turma agregada pelo número de 10 alunos. Além disso, se encontrava com 51 anos de idade.

A Professora “C”, para finalizar, possui formação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, é especializada em gestão pública pelo IFRN, possui também especialização em Atendimento Educacional Especializado – AEE, pela Faculdade Serra Geral – Minas Gerais. No que confere a sua atuação na área da Educação, relatou-nos que atua há 21 anos. Trabalhou durante 10 anos na secretaria de uma escola do município de Felipe Guerra\RN exercendo o cargo de auxiliar de secretário. No ano de 2017, atuou como educadora social pela visão mundial. Relatou-nos que já ensinou em uma escola privada do município de Felipe Guerra\RN, em uma turma da Educação Infantil. Há exatamente 02 anos leciona na escola, *lócus* da pesquisa, em uma turma multisseriada composta por alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. Informou-nos que no ano de 2022, sua turma contempla o número de 11 alunos. Contou-nos que no momento é professora contratada pela Prefeitura Municipal de Felipe Guerra\RN e que leciona na escola do estudo as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia. No momento em que participou da pesquisa a professora encontrava-se com 45 anos de idade.

Por fim, ressaltamos que os três professores que participaram deste estudo, residem no perímetro urbano do município de Felipe Guerra\RN, e que diariamente realizam o percurso de suas residências até a comunidade de São Lourenço (local em que a escola do estudo se encontra localizada).

3.5 *Lócus* da pesquisa – a Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza

Conforme mencionamos em momentos anteriores, a pesquisa teve como espaço de estudo a Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza. Assinalamos que essa instituição foi fundada no ano de 2005, sendo criada por meio da gestão do prefeito Braz Costa do Município de Felipe Guerra – RN. O ato de criação da escola deu-se pensando na

oferta de um sistema de educação para os alunos da comunidade de São Lourenço, tendo em vista que antes da sua criação a educação encontrava-se em condições difíceis, pois o funcionamento das aulas acontecia em uma casa de barro sem recursos e confortos para alunos e funcionários. Assim, o ensino se apresentava com baixo nível de qualidade, sem haver diretor, coordenador e sem suporte pedagógico. Dessa forma, pensamos que a criação do prédio escolar foi um marco vitorioso para os moradores, uma vez que estes lutaram para esse acontecimento, tal aspecto proporcionou uma nova estrutura pedagógica, assim como uma transformação educacional na oferta de uma educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, agregando maior qualidade no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes da comunidade.

A instituição escolar, até o início do ano de 2021, nominava-se por Unidade Escolar X São Lourenço. Porém, com o falecimento no ano de 2019 do professor Antônio Amarildo de Souza, a escola, com apoio e aprovação constitucional do município de Felipe Guerra/RN, ganhou novo nome, como uma forma de homenagear o professor por tantos anos de serviços prestados na educação da comunidade. Assim, ficou estabelecido por meio da Lei ordinária Nº 470/2021 de 17 de junho de 2021 que a denominação da Unidade Escolar X São Lourenço passaria a ser nomeada de Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza.

No ano de 2022, a escola agregou o número de 30 alunos, sua equipe administrativa e pedagógica é composta por 03 professores (uma professora que leciona na Educação Infantil, uma professora que atua no 1º, 2º e 3º ano e um docente que ensina o 5º ano do Ensino Fundamental) 01 diretora, 02 coordenadoras pedagógicas (uma da educação infantil e a outra do Ensino Fundamental), 02 merendeiras e 02 auxiliares de serviços gerais. No momento, a escola não possui alunos no 4º ano em razão de não haver nenhum aluno matriculado.

Em observação realizada no espaço escolar, pontuamos que em termos de infraestrutura o seu espaço físico é constituído por 03 salas de aula, 01 cozinha, 01 dispensa, 03 banheiros, sendo 01 para o sexo masculino, 01 para o feminino e 01 adaptado para crianças com necessidades educacionais especiais, além disso a escola dispõe de uma área coberta que serve tanto como refeitório, recreação e outras atividades. Assinalamos que a unidade escolar é mantida pela Prefeitura Municipal de Felipe Guerra – RN, a qual fornece os subsídios necessários para o funcionamento da instituição. A seguir, apresentamos a fachada da instituição.

Figura 1 - Fachada da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

A escola se encontra situada na comunidade de São Lourenço, a qual está localizada a 4km de distância do município de Felipe Guerra/RN. No momento atual, essa comunidade possui cerca de 70 famílias. Como meios de sobrevivência destacam-se a agricultura e o corte da palha de carnaúba, sendo essas as maiores fontes de renda dos moradores da comunidade, tanto no período de inverno como no período da irrigação. De acordo com o projeto político pedagógico da escola, a comunidade de São Lourenço possui uma população considerada alfabetizada, uma vez que grande parte dos moradores dessa comunidade possui o Ensino Fundamental completo. (UNIDADE ESCOLAR X PROFESSOR ANTÔNIO ALMARILDO DE SOUZA, 2020). No próximo momento, registramos a comunidade de São Lourenço, Felipe Guerra/RN.

Figura 2 - Comunidade de São Lourenço, Felipe Guerra/RN



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

É válido ressaltar que a escola não é usada somente para fins educacionais, mas outras ações são desenvolvidas no âmbito escolar as quais são de serventia a todos os moradores da comunidade, uma vez que a escola é utilizada para reuniões de agricultores, associações e reuniões em defesa de alguns interesses da comunidade. De forma geral, entendemos que a escola atende de maneira benéfica a todos os moradores da comunidade.

Em linhas explicativas, a escola oferece uma educação infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Seu público dirige-se para os filhos dos moradores da comunidade, seu funcionamento dar-se por meio do turno matutino. A Unidade Escolar X Antônio Amarildo de Souza destaca em seu projeto político pedagógico que possui um ensino pautado em valores e práticas que visam a formação integral dos seus alunos, tendo como missão um ensino de qualidade que busque a participação de toda comunidade escolar e da família, contribuindo com uma formação integral dos seus alunos (UNIDADE ESCOLAR X PROFESSOR ANTÔNIO ALMARILDO DE SOUZA, 2020).

4 PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA UNIDADE ESCOLAR X PROFESSOR ANTÔNIO AMARILDO DE SOUZA – FELIPE GUERRA/RN A RESPEITO DO ENSINO REMOTO

Esta seção tem a intenção de apresentar a análise acerca dos resultados construídos na pesquisa sobre o tema “Educação do Campo e Pandemia Causada pela COVID-19: a experiência com o ensino remoto na Comunidade de São Lourenço, Felipe Guerra – RN”. Nessa perspectiva, o que realizamos na produção de dados com as entrevistas semiestruturadas, compostas por um conjunto de doze questões abertas, será descrito nos três tópicos que constituem a referida seção.

Dito isto, enfatizamos que cada tópico se direcionará a um objetivo específico da investigação. Ressaltamos que as declarações dos participantes do estudo, atestadas nas entrevistas semiestruturadas, foram fielmente transcritas para o texto monográfico. Suas percepções nos fundamentam para compreensões referentes ao ensino remoto e o uso das tecnologias digitais durante o contexto da pandemia causada pela COVID-19. Com isso, esperamos concretizar, textualmente, nossas pretensões investigativas.

4.1 Desafios e possibilidades com as aulas virtuais no ensino remoto e o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem

No primeiro tópico deste capítulo, descrevemos considerações na intenção de obtermos reflexões para o primeiro objetivo específico do estudo, qual seja: “identificar, na percepção dos(as) professores(as), os desafios e as possibilidades com as aulas virtuais no ensino remoto, bem como a respeito do uso das tecnologias digitais para o processo de ensino-aprendizagem”. Para concretizá-lo, consideramos cinco questões abertas, as quais foram dialogadas no momento das entrevistas com os três professores que participaram do estudo.

A primeira questão frisou acerca do que os professores entendem por ensino remoto. Vejamos suas declarações:

O ensino remoto são aquelas aulas gravadas, onde o professor não tem o contato pessoalmente com o aluno, o professor pode tanto gravar suas aulas e colocar no sistema para os alunos visualizarem, como também pode fazer aulas síncronas que são aulas ao vivo onde estamos vendo os alunos e eles podem receber a aula no momento em que estamos gravando (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

É um ensino a distância de professor e aluno, nele o professor fica repassando os seus conteúdos e recebendo as atividades que solicita aos alunos (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Eu vejo o ensino remoto como uma adaptação do ensino/aprendizagem com a tecnologia, nele os conteúdos são desenvolvidos de forma online e o contato cara a cara do professor com o aluno se distancia (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Os três professores que participaram da pesquisa declararam que o ensino remoto pode ser entendido como uma modalidade de ensino *on-line*, cujos conteúdos e atividades são realizados em ambientes virtuais, com o uso dos meios tecnológicos. O professor “A” ressalta que no ensino remoto não há o contato pessoalmente do professor com o aluno. Na prática, as aulas são ministradas de duas maneiras, sejam elas as transmissões ao vivo ou gravadas. A professora “B” pontua que o ensino remoto se trata de um ensino pautado no distanciamento físico de professor e aluno, dessa maneira, o professor consegue remotamente repassar os conteúdos, ao mesmo tempo receber as atividades pedagógicas. A professora “C”, por sua vez, afirma que o ensino remoto pode ser visto como o processo de ensino-aprendizagem adequado à tecnologia, no qual todo conteúdo elaborado é disponibilizado de forma *on-line*, sendo assim, o contato entre professor e aluno se mantém distante. Nas três declarações, vimos aproximações nos entendimentos sobre o ensino remoto, no que toca a sua realização de forma não presencial, atrelado a isso a distância física e a tecnologia como instrumento de mediação na relação professor-aluno.

Conforme Moreira e Shlemmer (2020, p.8) o modelo de educação, denominado de ensino remoto, pode ser considerado como “uma modalidade de ensino ou aula, que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes [...]”. Ele se configura a partir do uso da tecnologia para transmissão de conteúdos e atividades dos professores para os alunos. Assim, esse formato de ensino utiliza as tecnologias para que as pessoas, em locais diferentes e distantes, possam acessar e interagir ao mesmo tempo, por meio de plataformas digitais, como maneira de se comunicar e dialogar. Alves (2020), auxilia-nos mais ainda nessa compreensão quando classifica o ensino remoto como sendo um conjunto de “práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais [...]” (ALVES, 2020, p. 352).

Em relação à segunda questão, indagamos aos três professores a respeito do seu entendimento acerca das tecnologia digitais. Sobre isso, eles depuseram:

Nesses últimos anos, especialmente com a pandemia, os professores tiveram que se inovar e uma das formas foi usar as tecnologias digitais que facilitam a comunicação do professor com aluno, entendo que as tecnologias digitais apareceram de várias formas pelos meios eletrônicos e digitais, como por exemplo

celular, notebook, computadores, temos também a impressão 3D, a realidade virtual dentre muitas outras (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

As tecnologias digitais eu vejo como técnicas avançadas que são usadas no ensino, como por exemplo os computadores, celulares, dentre outros. Essas tecnologias chegam para ajudar o professor no processo de ensino, elas estão a cada dia se modernizando e nós professores precisamos estar sempre nos atualizando para acompanhar (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

As tecnologias digitais são recursos tecnológicos que os professores usam tanto para lhe auxiliar no ensino como para que os alunos possam ter um melhor aprofundamento do assunto. A gente sabe que hoje estamos em um mundo completamente globalizado e que as tecnologias estão cada vez mais presentes em nossas vidas, com a pandemia principalmente, pois tivemos que nos agarrar a elas. Vejo que aparecem na educação de várias maneiras, como por exemplo através da internet, computadores, projetores que com eles conseguimos passar filmes, slides, imagens tudo isso que faz a diferença na sala de aula (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Para os professores, participantes do estudo, as tecnologias digitais são entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos usados nas metodologias de ensino, os quais se apresentam na educação por meio dos dispositivos eletrônicos e digitais incluindo os computadores, celulares e qualquer outra ferramenta utilizada para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. Além de percebermos que as tecnologias digitais têm a intenção de auxiliar no ensino, ponderamos principalmente a partir do registro da professora “C” que a importância da utilização dessas ferramentas na educação se intensificou especialmente no contexto instaurado pela COVID-19. De acordo com Araújo (2016, p. 17),

No âmbito das tecnologias digitais, as ferramentas on-line possuem um potencial de ensino inovador, além de facilitar o trabalho de professores e aprimorar o ensino e a aprendizagem dos alunos. Através da internet os alunos podem acessar recursos de multimídia como imagens, vídeos, sons, textos e animações (ARAÚJO, 2016, p. 17).

A partir da concepção de Araújo (2016), salientamos que as tecnologias digitais, enquanto ferramentas de ensino, trazem possibilidades para os professores e para a educação de maneira geral. Pelas afirmações dos três professores, apreendemos que essas tecnologias são um ponto positivo para tornar o processo de aprendizagem mais efetivo que as metodologias de ensino tradicionais. Podem também inovar os paradigmas educativos e construir novas perspectivas aos processos de ensinar e aprender.

A terceira questão, por sua vez, enfatiza sobre o que professores pensam em relação ao ensino remoto e o uso das tecnologias digitais na escola durante a pandemia causada pela COVID-19. Seus depoimentos se apresentam na sequência:

Foi um problema de grande repercussão, por que os professores não estavam acostumados a usar essas tecnologias. Com a pandemia tivemos que nos adaptar a esse ensino remoto. Com o momento que estávamos passando essa foi a solução encontrada para que os alunos não perdessem completamente o ano letivo. O mais complicado foi pensar em outras formas de ensino, já que o contato presencial era o principal obstáculo. Foi muito difícil! A gente estava todos perdidos, acredito que todos os professores, principalmente aqueles professores mais antigos que não tinham experiência alguma com essas tecnologias digitais para ministrar suas aulas (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Eu vejo o ensino remoto e o uso das tecnologias na escola como uma coisa muito importante, porque nos ajudou bastante. Apesar da gente não ter o hábito e a prática de usar as tecnologias, tecnologias digitais, mas eu acredito sim que foi vantajoso para darmos algum tipo de assistência aos alunos. Tudo que a gente fazia antes era no livro e no papel e com o ensino remoto a gente avançou bastante, tivemos que mudar a nossa maneira de ensinar e aprender a trabalhar com as tecnologias (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

O ensino remoto e as tecnologias chegaram como uma maneira de ‘socorrer’ a educação para não termos um prejuízo maior no ensino-aprendizado das crianças, foi uma experiência nova e desafiadora, pois nem todos tinham acesso às ferramentas tecnológicas e nem domínio sobre ela, em especial as crianças (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

As percepções dos professores apontam uma realidade totalmente nova, visto que com a suspensão das aulas presenciais em virtude da pandemia causada pela COVID-19, o ensino remoto e o uso das tecnologias digitais implementaram-se na educação como uma forma de viabilizar os alunos para a continuidade do ano letivo. Quando abordados por essa questão, os professores expressam em seus registros a forma repentina que o ensino se reconfigurou, trazendo à tona transformações envolvendo adaptação ao uso das tecnologias, interação professor-aluno, novo formato de aulas e dificuldades de acesso.

Analisando de maneira detalhada as respostas dos participantes da pesquisa, interpretamos que o professor “A” destacou a repercussão que o ensino remoto e o uso das tecnologias ocasionou, uma vez que, ao serem surpreendidos tiveram que rapidamente adaptarem-se a um novo formato de aula, diferente do qual estavam acostumados. A professora “B”, similar ao registro anterior, relatou a mudança no método de ensino, já que com a aderência ao ensino remoto os professores necessitaram transitar do modelo de ensino tradicional para aprender a trabalhar com as tecnologias digitais. A professora “C”, por conseguinte, apresentou uma inédita forma de ensinar, que por um lado possibilitou reduzir os prejuízos à educação decorrentes da pandemia, mas por outro, a entrada das tecnológicas se revelou como algo diferente, visto que nem todos tinham acesso e domínio sobre elas.

Em reflexão a essas considerações, percebemos que durante a pandemia causada pela COVID-19 as instituições tiveram que modificar o ensino e a comunicação com os alunos.

Conforme Santos, Lima e Sousa (2020) aprender a aprender passou a fazer parte da nova rotina dos professores que confrontados a urgência para dar continuidade ao ensino-aprendizagem tiveram que em curto tempo “redefinir, ressignificar, reinventar e ‘desaprender’ muitas das suas certezas teóricas e metodológicas quanto ao seu fazer” (SANTOS; LIMA; SOUSA, 2020, p. 1634). Adaptar o ensino ao mundo digital, foi uma realidade de muitos professores brasileiros, que sem uma prévia construção do conhecimento tiveram que redefinir suas práticas e refazer o seu fazer pedagógico.

Diante disso, fica evidente que apesar do ensino remoto e o uso das tecnologias na educação dinamizarem e melhorarem consideravelmente o ensino-aprendizagem, fazendo com que professores e alunos continuem desempenhando suas atividades, percebemos pelo que registraram os participantes da investigação que os professores não dominavam o uso das tecnologias digitais e que pouco as utilizavam antes da pandemia, precisando redefinir, reinventar, aprender e se adaptar nesse novo contexto de ensino.

Na quarta questão dialogada com os professores, procuramos saber os principais desafios identificados com as aulas virtuais durante a pandemia causada pela COVID-19. Observemos seus relatos:

Os desafios foram muito grandes, imensos! tanto por parte dos professores como também pelos alunos. Por parte dos professores principalmente para ministrar as aulas, pois não tínhamos conhecimento para manusear certas tecnologias digitais corretamente, a grande dificuldade dos professores era saber manusear o aparelho, em gravar os vídeos, pois não tinha nenhum professor habilitado para gravar as aulas, sejam elas síncronas, em tempo real, ou assíncronas, gravadas e postadas depois. A gente não utilizava nenhum sistema justamente porque os professores tinham muita dificuldade. Por parte dos alunos a grande maioria não tinha o celular, o celular era dos pais, eles iam trabalhar e os alunos ficavam sem acompanhar as aulas. Esses foram uns dos grandes desafios que encontramos, a acessibilidade do celular por partes dos alunos e saber gravar aulas e fazer uso das tecnologias por partes dos professores, acredito que esses desafios foram grandes impedimentos para um bom desempenho durante a pandemia (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Muitos, viu, teve bastantes desafios! Quando começou a pandemia tudo foi muito rápido para a gente começar a entender, tudo caiu de paraquedas, a gente não sabia como trabalhar e isso foi um grande desafio. Foi um desafio para nós professores, para os alunos e principalmente para os pais dos alunos, por que eles também iam fazer o nosso papel. Muitos alunos não tinham o celular nem acesso à internet para receber as atividades. Alguns pais alegavam que não tinham tempo de ajudar o filho a responder e sentar com ele para assistir os vídeos por que iam trabalhar. Um dos principais desafios foi o dos pais porque uns colaboravam e outros não, a família em si! Porque tinham muitos que não sabiam usar as tecnologias, e também descobrimos que haviam muitos pais que eram analfabetos e não sabiam responder as atividades da criança, foi uma batalha muito grande, e para nos professores foi pior ainda porque a gente não estava presencial (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Tiveram muitos desafios! Primeiramente o acesso à internet e a tecnologia que a maioria das crianças não tinham, a maneira como a avaliação da aprendizagem seria observada, e como a criança teria autonomia sobre as ferramentas tecnológicas. Segundo, como íamos trabalhar as atividades desenvolvidas nas aulas remotas, se teria proveito ou não para os alunos retirarem algum tipo de aprendizagem. Como professora, os desafios foram maiores, pois no ano em que iniciei meus trabalhos na escola, já peguei de cara o período pandêmico e o ensino remoto, então já me vi em uma situação desafiadora, pois não conhecia os alunos e não sabia suas dificuldades, foi bem complicado. Tive dificuldades principalmente para manusear as tecnologias, não tinha ideia de como usá-las e de como ia fazer acontecer o ensino através delas, confesso que necessitei de muita ajuda para começar a entender a usar as ferramentas (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Considerando as respostas dos participantes do estudo, avaliamos que os professores “A”, “B” e “C” abordam diversos desafios lançados na escola com as aulas virtuais durante a pandemia. Baseando-nos no que os professores citam, observamos que mudar o ensino abruptamente trouxe desafios como: falta de preparação para ministrar as aulas, dificuldades em manusear as tecnologias, problemas de acesso à internet/celular, além da não disponibilidade dos pais, que trabalhavam e não tinham tempo para ajudar seus filhos nas atividades da escola. Complementando a discussão, Valente *et al.* (2020) apontam múltiplos desafios que sobrevieram à educação durante o período pandêmico, tais como: falta de estrutura tecnológica nas escolas, acessibilidade das ferramentas tecnológicas para alunos e professores e uma formação docente que possa adaptar o currículo aos meios eletrônicos.

No Brasil, exercer a educação durante a pandemia se configurou como algo complexo, além do que apresentam Valente *et al.* (2020) vimos, com base no que depõem os professores, que muitos desafios se acentuaram, os quais vão desde a ausência de instrumentos, por parte de muitos alunos, que facilitariam as aulas virtuais, assim como a falta de conhecimento dos professores em manusear os recursos tecnológicos. A precariedade no acesso à internet, a falta de dispositivos adequados, a necessidade do auxílio de adultos na supervisão dos alunos em casa durante as aulas, entre outros, são desafios que obstaculizaram o ensino-aprendizagem durante a pandemia. Esses aspectos foram identificados na pesquisa.

A última questão que elaboramos que visa se aproximar do primeiro objetivo específico da pesquisa indagou aos professores se eles consideram que o uso das tecnologias digitais para realização das aulas virtuais possibilitou a aprendizagem dos seus alunos durante a pandemia causada pela COVID-19. Apreendemos os seguintes registros:

Muitas pessoas reclamam, alguns acham que nem deveria ter aula nesse período pandêmico, mas eu sempre digo que bom que existem os celulares, tablets, computadores para ajudar a gente, imagine se a gente não tivesse esse meio eletrônico de se comunicar com os alunos? Os alunos não teriam aprendido

praticamente nada e eles aprenderam alguma coisa sim! Eu não consegui atingir nem 30% de aprendizado, mas considero que aqueles que participaram alguma coisa aprenderam, não atingir a todos um mesmo nível de aprendizado, pois não podemos comparar uma aula presencial, com a participação, com uma aula remota. Eu acredito que foi atingido o mínimo de objetivo proposto no início do ano que é chegar com conteúdo, apresentá-lo, o aluno realizar a atividade e daí aprender alguma coisa, então eu acredito que foi satisfatório sim o uso da aula remota com os meios digitais para os alunos aprenderem (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Em partes, não todos os alunos! Mas teve alguns alunos que aprenderam sim e avançaram mais, teve mães de colaboraram e teve delas que até aprenderam com seu próprio filho. Porém, assim, houve pais que não deram muita crença a esse ensino e alegavam que o filho não ia aprender. Mas eu acredito sim que as tecnologias auxiliaram muito os alunos no processo de aprendizagem remota, apesar das dificuldades que nós sabemos que existem nesse ensino e que não são poucas, mas vendo as possibilidades eu acredito que além dos alunos não ficarem parados e se prejudicarem, algum proveito de aprendizado pode ser retirado durante esse período de ensino remoto (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

A pandemia e o uso dessas tecnologias afetaram a aprendizagem de todos os alunos da escola, mas, a meu ver, o impacto foi mais forte para os alunos em fase de alfabetização. Apesar disso, eu considero sim, que alguns alunos aprenderam algo, claro que um aprendizado com várias lacunas. Acredito que até mesmo os professores aprenderam, principalmente a usar as tecnologias. Foi difícil fazer com que os alunos pudessem ter algum proveito de aprendizagem com as aulas virtuais, pois leciono a crianças pequenas em fase de alfabetização, e necessitava de diálogo e principalmente apoio dos pais para auxiliar nesse processo de alfabetização remota, muitos ajudavam, outros não. Boa parte dos alunos também não tinha o acesso à internet nem as tecnologias e isso dificultava que o ensino chegasse até eles. Mesmo com essas dificuldades, eu consegui chega a ter algum tipo de comunicação com alguns alunos, e pude passar algum tipo de ensinamento a eles (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Com essa questão, os professores apresentam unanimidade em suas falas, visto que os três consideram que as aulas virtuais e o uso das tecnologias para sua realização possibilitaram a aprendizagem dos alunos durante a pandemia. Apesar dos desafios que a pandemia impôs à educação, os professores acreditam que a tecnologia contribuiu intensivamente para a continuidade do aprendizado que acontecia em sala de aula, pois além dos alunos não se prejudicarem, os professores conseguiram manter algum vínculo comunicativo com eles. A partir disso, observamos que por mais que o ensino remoto tenha sido um período de dificuldades, obstáculos e preocupações teve oportunidades para novas aprendizagens, que os participantes entendem como positivo, visto que com as tecnologias digitais além da vantagem de continuar com as atividades pedagógicas puderam manter o desenvolvimento do aprendizado.

Para Grossi (2021), o uso das tecnologias no processo de aprendizagem das aulas remotas, se constitui como um contribuinte para os meios educacionais, visto o seu potencial para transformar o ensino na construção do conhecimento. Com os professores, acreditamos

que essas tecnologias se estabeleceram como uma aliada da aprendizagem, além do seu potencial educativo, permitiram que mesmo distantes professor e aluno conseguissem se comunicar.

Com isso, concluímos este tópico do texto, destacando que para os professores, participantes do estudo, as aulas virtuais e o uso das tecnologias digitais na escola durante a pandemia, auxiliaram o processo de aprendizagem escolar, no sentido de manter possibilidades na proximidade, comunicação e o engajamento do aluno com a escola durante o momento de excepcionalidade no ensino.

4.2 Experiências acerca das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas no período da pandemia causada pela COVID-19

Neste momento do texto, descreveremos sobre as experiências dos professores, participantes do estudo, em relação às atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas durante o período da pandemia causada pela COVID-19. Nesse caminho, dialogaremos acerca dos seus registros, considerando cinco questões presentes no roteiro da entrevista utilizada como técnica para produzir os dados da investigação.

No que confere à primeira questão (questão seis), encaminhamos para que os professores descrevessem como eram planejadas as atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas no período da pandemia causada pela COVID-19. Eles pontuaram:

Muito dificultoso essa questão de planejar as aulas, principalmente porque a gente não podia ter o momento presencial. A coordenadora pedagógica da escola foi estudando alguns materiais na busca de informações sobre como seguiríamos diante da pandemia e reuniu todos os professores de maneira virtual e passou para a gente como deveríamos fazer o planejamento e prosseguir com as aulas, ficou decidido que os conteúdos seguiriam pelo livro didático e gravávamos os vídeos a partir desses conteúdos para disponibilizarmos para os alunos. Eu particularmente não segui os conteúdos do livro didático, pois os alunos estavam passando por uma grande dificuldade em termos de aprendizagem, muitos não sabiam ler, então decidi que passaria conteúdos relacionados a essa deficiência deles na leitura e escrita, eu pesquisava os conteúdos na internet e gravava vídeoaulas. E foi com esse planejamento que consegui me sobressair durante dois anos de pandemia (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

As atividades eram planejadas pensando no aluno, a gente fazia todo dia o plano de aula vendo como que ia executar aquela aula e repassar os conteúdos para os alunos. A gente fazia o máximo para eles entenderem. Os conteúdos planejados eram através do livro didático e desse conteúdo a gente gravava vídeos e passava atividades sobre o conteúdo para eles responderem, se a gente visse que a grande maioria não conseguiria e ia ter dificuldades de responder a gente replanejava as atividades (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

O planejamento era feito através do livro didático, em que tinham que ser trabalhados mesmo on-line através de ligações via WhatsApp, e com ajuda de alguns pais fomos conseguindo realizar as atividades propostas (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Ao analisar o ponto de vista do professor “A” percebemos que o método tradicional de seguir o livro didático foi direcionado pela coordenadora pedagógica, mas, o professor participante do estudo, pontua que seguiu outra forma de planejar e gerir as aulas remotas, seguindo a necessidade dos seus alunos, buscando atender as particularidades e deficiência de cada aluno, para tal menciona a leitura e a escrita. A complexidade de ensinar de forma remota é uma tarefa desafiadora para todos, exige que o mediador da sala tenha desenvoltura para trabalhar com metodologias assertivas para o ensino-aprendizagem. Sobre o exposto, Kato (2020) aponta:

Estamos imersos em tantas informações e ampla comunicação em tempo real que adotar práticas pedagógicas consistentes e específicas são imprescindíveis para que estudantes, ainda mais quando estão no ciclo de alfabetização e letramento, e professores permaneçam em contato diário (KATO, 2020. p. 20-21).

É através do planejamento que o professor consegue pensar e desenvolver práticas pedagógicas que viabilizam a assistência diária ao aluno, tanto presencial como remota. As professoras “B” e “C” seguiram a mesma linha de raciocínio mediante planejamento e execução, continuaram seguindo o livro didático com ajuda de recursos tecnológicos para gravar os conteúdos, bem como atender as necessidades de cada turma. Com a emergência das aulas remotas, a criação e adaptação das aulas na realidade educacional enfrentada na COVID-19 afluíram a criatividade de vários professores, é por meio do planejamento que ideias de novas metodologias foram sendo executadas. A respeito disso, Cordeiro (2020) registra:

A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos: criação de vídeoaulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferência para a execução de atividades síncronas como em sala de aula (CORDEIRO, 2020, p. 6).

Compreendemos que o planejamento de novas estratégias de aulas foi primordial frente o contexto enfrentado, bem como o embasamento metodológico que os professores utilizaram. A adaptação da sala de aula para as redes tecnológicas, promoveu a migração

forçada para todos, mas a criatividade e desenvoltura dos professores possibilitaram o enfrentamento a tantas dificuldades.

Na continuidade da análise, conduzimos os professores a narrar sobre sua experiência em lecionar aulas na modalidade de ensino remoto. Na mesma questão, enfatizamos a respeito das principais metodologias de ensino desenvolvidas por eles. Leiamos seus registros:

Difícil, viu! Muito difícil! Tive muitas dificuldades assim como a grande maioria dos professores, mas acredito que conseguir me sobressair. Me sobressaí justamente porque eu sempre não deixava as deficiências me derrubar. Durante esse período eu consegui alfabetizar crianças, o que foi para mim uma grande conquista e espero continuar nessa perspectiva na escola. Eu procurava usar as metodologias mais simples possíveis, eu usava muito o WhatsApp para falar com os alunos e mandar os conteúdos, visto que se eu fizesse pelo google meet eu não ia ter tanta participação, eu consegui bons resultados justamente porque ia pela metodologia mais fácil, eu conheço a realidade de cada um, então não adiantava usar métodos avançados, eu gravava os vídeos simples e curtos, usando uma linguagem fácil para os alunos aprenderem, postava fotos sobre o conteúdo e mesmo com a pandemia, eu ia na casa dos meus alunos entregar as atividades impressas para aqueles que não tinham acesso ao celular (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

A experiência foi desafiadora, foi complicado, a gente trabalhou o dobro do que no presencial porque como era na zona rural a realidade era bem difícil e diferente da cidade. Se a gente quisesse atingir o objetivo, tinha que ter disponibilidade, eu particularmente passava o dia trabalhando e atendendo aos alunos e pais dos alunos. Fomos orientados a ter o horário certo para começar e terminar a aula, mas como conhecemos a realidade dos alunos para eles acompanharem as aulas, eu fazia vídeo-chamadas em outros horários que não eram meu horário de trabalho. Nesse período, eu também trazia alunos que tinham mais dificuldades para ensinar em minha casa. As metodologias que eu usava era vídeoaula, eu gravava os vídeos explicando a aula e passava para eles, algumas vezes fazia chamada de vídeo pelo WhatsApp para interagir, retirar dúvidas, também gravava e postava alguns áudios no grupo da turma sobre os conteúdos. O WhatsApp era nosso meio de comunicação, era por ele que eu recebia as fotos com algumas das atividades dos alunos, então basicamente a metodologia era essa (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Desafiadora [...], foi uma adaptação bem difícil eu diria que uma das mais difíceis que já tive como professora, pois era um dia todo para atender todas as crianças, nem todas tinham acesso à internet, e nem todos os pais sabiam ensinar os filhos nas atividades propostas. As metodologias eram aulas on-line, enviávamos vídeoaula para os alunos que tinham acesso ao celular, fazia chamada de vídeo pelo WhatsApp para dialogar, e para os que não tinham o celular, eu imprimia as atividades e ia entregar na escola (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

O fato de experienciar aulas na modalidade de ensino remoto é narrado pelos professores como algo difícil, complicado e desafiador. Sabemos que as mudanças organizacionais muitas vezes são difíceis e surgem em contextos dolorosos, como é o caso da pandemia, implicam em grandes desafios institucionais, pessoais e coletivos, de adaptação, mudança, flexibilidade e inovação (MOREIRA; HENRIQUE; BARROS, 2020). Essa

mudança a que estamos nos referindo exige do profissional novas competências em sua jornada de trabalho.

No que se refere às metodologias para realização das aulas, observamos que a prática de aulas gravadas foi utilizada pelos professores para exibição e explicação dos conteúdos. Assim, as aulas passaram a ser assíncronas, onde vídeos, fotos e atividades avaliativas eram produzidas pelos professores e enviadas para os alunos por meio do aplicativo de mensagem WhatsApp. Ao abordar as metodológicas de ensino, o professor “A” afirma que buscou simplificar ao máximo os conteúdos para torna possível a aprendizagem dos alunos, além de informar-nos que mesmo com a pandemia ia aos seus domicílios entregar as atividades escolares daqueles que não possuíam acesso à internet\celular. As professoras “B” e “C” apontam que usavam como métodos a interatividade, dado que diariamente se comunicavam de forma síncrona com os alunos através de chamadas de vídeo pelo WhatsApp para dialogar e retirar as dúvidas, caso tivessem alguma dificuldade de entendimento do conteúdo.

Nessa perspectiva, observamos que houveram tanto momentos síncronos (ao vivo) como assíncronos (aulas gravadas) para fornecer aos estudantes uma participação mais ativa nas aulas, isso porque quando há uma interação acerca da discussão dos assuntos, contribui-se para que os alunos possam apresentar suas ideias e construir os conhecimentos que são importantes para potencializar suas habilidades cognitivas.

Considerando os procedimentos metodológicos empregados pelos professores, vemos que estão inspirados no que Moran (2018) denomina de metodologias ativas, responsáveis por “estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem” (MORAN, 2018, p. 2). A partir do que depõem os participantes, se buscou trabalhar na perspectiva dessas estratégias metodológicas, interpretamos que foram priorizadas a flexibilidade dos conteúdos e a dialogicidade com os alunos, a fim de que houvesse sua participação ativa no próprio aprendizado.

Ainda em relação aos registros dos professores, observamos que o uso do aplicativo de mensagens WhatsApp foi utilizado pelos participantes com a funcionalidade de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) visto que se tornou uma ferramenta de mediação do processo de aprendizagem e que, desse modo, contribuiu para a difusão do ensino que acontecia a distância. As percepções dos professores mostram que o uso desse recurso pode-se valer não só como meio de comunicação, mas para realização de diversas atividades, uma vez que oportuniza “[...] a criação de grupos de contatos para troca de mensagens, a realização de chamadas de voz, bem como o compartilhamento de arquivos de textos, áudios, fotos e vídeos” (LUCENA; OLIVEIRA; SANTOS JUNIOR, 2017 p. 263).

Com isso, refletimos que por mais difícil que tenha sido vivenciar a experiência de aulas na modalidade de ensino remoto, os professores deram prosseguimento ao seu trabalho pedagógico, mostrando empenho, dedicação e comprometimento ao criarem novas metodologias e recursos que viessem dar seguimento ao estudo e procurassem manter o aluno em um processo de aprendizagem ativa.

A terceira questão (questão oito), se refere às principais ferramentas digitais utilizadas pelos professores no ensino remoto durante a pandemia causada pela COVID-19. Eles notificaram:

No início do ano de 2021, tivemos uma semana pedagógica bem interessante, onde foi apresentado um pouco sobre as tecnologias digitais, mas veja bem, em um dia não era possível ensinar a todos os professores como usar essas ferramentas. Foi uma coisa muito bonita, porém, não atingiu o objetivo durante o ano porque a nossa realidade é outra e os professores não têm todas as ferramentas necessárias, e mesmo se tivessem não tinham conhecimento para usá-las corretamente na sala de aula. Então, eu não usava essas tecnologias, a principal ferramenta que eu usei e foi bastante efetiva ao período foi o celular que me ajudou a gravar vídeos e conversar com os alunos (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

A principal ferramenta que eu usei foi o celular para transmitir as aulas e enviar os materiais (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

O Celular, usando a chamada de vídeo (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

A partir dos depoimentos orais, identificamos que o celular foi a principal ferramenta utilizada pelos professores para auxiliar no ensino remoto durante a pandemia. Conforme destacado na fala dos professores, o uso pedagógico desse aparelho foi de utilidade para realizar chamadas de vídeo, transmitir as aulas, enviar os materiais e manter a comunicação com os alunos. Alencar *et al.* (2015, p.789) ao tratarem do uso da tecnologia no ensino afirmam que “o celular se transformou em um aliado para o professor, sendo utilizado como ferramenta de suporte à aula”. Especialmente no período de aulas remotas, o celular possibilitou, em muitos casos, a continuidade das aulas e atividades que tiveram que migrar para internet por causa da pandemia.

Frente ao exposto, observamos indícios de que o celular foi escolhido como ferramenta muito provavelmente por esse recurso poder contribuir com o trabalho do professor no momento em que ele não pode estar fisicamente com seus alunos, além de ser conhecido e utilizado mesmo antes do quadro pandêmico e do ensino remoto. A preferência por essa ferramenta pode se associar ao fato dessa tecnologia fazer parte do dia a dia e pela

sua multifuncionalidade, tendo em vista que permite “[...] filmar, tirar fotos, produzir montagens, gravar o áudio que o usuário desejar, além de oferecer uma grande variedade de acesso aos aplicativos, programas criados por pessoas jurídicas para atender necessidades de todo tipo, inclusive, educativas” (LOPES; PIMENTA, 2017, p.60).

Em sequência às questões, indagamos os professores sobre as principais estratégias de ensino utilizadas para sanar as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem com os alunos durante o período das aulas remotas. Obtivemos as seguintes considerações:

As estratégias foram as mais simples como já relatei nas metodologias, eu não determinava um horário fixo para os alunos me enviarem as atividades, porque se eu determinasse o horário poucos iam me enviar, justamente porque eu não podia determinar um horário sem conhecer a realidade dos alunos, eu também usava a estratégia de mandar pouco conteúdo com uma linguagem simples, e quando os alunos tinham alguma dúvida a gente fazia uma ligação através de uma vídeo chamada no WhatsApp, então eu acho que usar essas estratégias simples, de acordo com a realidade do meu aluno, fez com que eu obtivesse um bom resultado nas aulas remotas (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

As estratégias a gente fazia pensando em como a gente dava a aula e recebia as atividades dos alunos, tinha dia que a gente não recebia as atividades, então era preciso renovar as estratégias para ver se dava certo a continuidade de recebermos as atividades, uma estratégia que eu usava bastante era fazer atividades xerocadas e ir deixar na escola para os alunos irem pegar, principalmente para aqueles alunos que não tinham o acesso à internet e ao celular (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Em minhas estratégias, eu procurava fazer atividades didáticas para eles conseguirem responder e os pais conseguirem ajudar. Também usava a estratégia de imprimir as atividades para aqueles alunos que não tinham acesso a nenhum tipo de tecnologia (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

A partir dos depoimentos dos professores sobre as estratégias de ensino para ajudar os alunos nas dificuldades encontradas durante o período de aulas remotas, identificamos que foram utilizadas estratégias tanto para os estudantes que possuem acesso a aparelhos tecnológicos e internet, como para aqueles que não dispõem desses recursos. O professor “A” pontua que sua principal referência para ajudar os alunos foi realizar estratégias de acordo com as suas realidades, ele afirma que investiu em estratégias simples, procurava não determinar horários fixos para envio das atividades, mandava poucos conteúdos e usava uma linguagem de fácil compreensão. As professoras “B” e “C”, seguindo a mesma linha estratégica, referenciam que em virtude da continuidade do recebimento das atividades dos alunos que não tinham acesso à internet\celular disponibilizavam atividades impressas a serem entregues na instituição escolar.

A pandemia e o ensino remoto incidiram a necessidade de pensar em estratégias que se adaptassem a realidade de cada aluno, tornando-se dever da escola observar os limites de acesso às tecnologias dos estudantes, em vista de considerar propostas inclusivas que não reforcem as desigualdades. Corroborando a esse pensamento, Cardoso, Ferreira e Barbosa (2020) ressaltam que “são necessárias práticas inclusivas, a denominada inclusão digital, que permita que a educação chegue a todos os que dela dependem, ou mesmo alternativas de educação a distância que não contem com a imprescindibilidade de acesso às tecnologias” (CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 45).

Com isso, percebermos que pensar as estratégias de ensino inclusivas em todas as realidades apresentadas pelos estudantes, é de suma importância para respeitar as especificidades de cada aluno e garantir que todos participem do ensino escolar em tempos adversos.

A última questão que desenvolvemos referente ao segundo objetivo específico da pesquisa, indagou aos professores se durante o período com o ensino remoto na escola, eles receberam apoio da instituição ou da secretaria de educação do município. Ainda nessa questão, salientamos se eles participaram de alguma atividade de formação para atuar com o ensino remoto e as tecnologias digitais. Seus registros são esclarecedores:

A secretaria de educação do município sempre nos instigou sobre as prerrogativas que a gente iria trabalhar. Diariamente, se tivéssemos alguma dúvida, poderíamos chegar a entrar em contato com a coordenadora pedagógica da instituição, então da parte pedagógica tivemos apoio sim, claro que um pouco deficiente, pois ninguém estava ambientado para esse tipo de ensino remoto, mas tivemos sim um acompanhamento tanto por parte da secretaria de educação do município como da instituição. Em relação algum tipo de treinamento e formação específica para atuar com o ensino remoto e usar as tecnologias, não tivemos! Até porque não tínhamos essa tecnologia avançada, o que tivemos foi uma orientação básica sobre como usar o celular, mas não tivemos nenhum ensinamento na prática para atuar com o ensino remoto e usar as tecnologias digitais (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Recebemos, sim, apoio pedagógico, tanto da secretaria, como da escola. Ambos sempre nos orientavam e nos davam o apoio necessário para lidarmos com a situação. Nossa sede e apoio pedagógico se dava na secretaria de educação do município com a diretora e coordenadora pedagógica da escola, a gente ia para a sede nos reuníamos e elas nos orientavam de todas as formas possíveis. Não participei de nenhuma formação para atuar com o ensino remoto, o que eu tive foi algumas orientações sobre como que íamos trabalhar e usar as tecnologias que a gente tinha, que no nosso caso era o celular (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Sim, a secretaria de educação e a escola trabalharam nesse período com muita responsabilidade, dando apoio em nosso trabalho pedagógico. Por parte da escola, a coordenadora e a diretora apoiaram com orientações sobre como planejar e dar aulas remotas, claro que uma ajuda escassa, já que todos estavam no mesmo barco com as mesmas dificuldades. Quanto à formação e prática para dar as aulas, não

participei, tive que com muitas dificuldades aprender a me familiarizar com as tecnologias, e fiz o meu trabalho a partir das orientações passadas e com as ferramentas que eu tinha (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

As considerações dos professores são similares, visto que os três concordam que a instituição e a secretaria de educação do município apoiaram, pedagogicamente, com orientações sobre como eles se organizariam para oferecer o ensino de forma remota. Sabemos que o ensino remoto traz uma nova perspectiva de ensino, em que estudantes e professores precisam de apoio para lidar com as incertezas tão recorrentes da pandemia e pelo o que os professores registraram observamos que houve esse apoio no comprometimento da gestão escolar, especialmente da diretora e coordenadora pedagógica que buscaram oferecer o envolvimento com novos caminhos pedagógicos que fizessem com que escola, professores e alunos resistissem no mundo em pandemia.

Sobre a formação continuada com foco no uso das tecnologias digitais, os professores disseram não terem realizado algum tipo de formação para atuar com o ensino remoto e manusear as tecnologias digitais. Entendemos que nesse momento excepcional no ensino, as tecnologias ocuparam uma posição de destaque na educação, porém, por si só, não promovem condições para fazer com que o processo formativo ocorra, é preciso que o professor detenha os conhecimentos necessários para uma prática pedagógica efetiva em um ambiente equipado com a tecnologia. À vista disso, Rocha *et al.* (2020) meditam que “[...] o professor que utiliza TD [tecnologias digitais] com o objetivo de alterar seus modos de ensino acaba necessitando de constantes processos formativos, que possam repercutir em uma ressignificação de sua prática pedagógica” (ROCHA *et al.*, 2020, p. 65).

Compreendemos que por mais que mudar uma prática que já vem sendo utilizada há algum tempo e de uma hora para outra não seja tarefa fácil, as constantes transformações e o surgimento acelerado dos novos aparatos tecnológicos têm exigido que o profissional se mantenha em um processo de formação contínua, para construir com a tecnologia uma prática capaz de agregar novas perspectivas e possibilidades. Isso é refletido a partir do que informam os professores, participantes do estudo, que com início inesperado do distanciamento social não receberam a formação técnica necessária para o uso da tecnologia no ensino remoto emergencial.

4.3 Dificuldades e impactos no cotidiano escolar para a educação dos sujeitos do campo no contexto da pandemia causada pela COVID-19

Neste tópico, finalizaremos a discussão referente à entrevista desenvolvida com os professores, participantes do estudo. No referido tópico, abordaremos duas questões condizentes ao último objetivo específico da pesquisa, qual seja: “evidenciar dificuldades e impactos no cotidiano da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra/RN, para a educação dos sujeitos do campo, mediante o contexto da pandemia causada pela COVID-19”.

A primeira questão (questão onze) abordou, na perspectiva dos professores, as dificuldades e impactos evidenciados no cotidiano da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra/RN, para a educação dos sujeitos do campo, mediante o contexto da pandemia causada pela COVID-19. Atentemo-nos às suas ponderações:

Na escola, nós tivemos muitas dificuldades em fazer chegar o conteúdo ao aluno e desse conteúdo o aluno retirar algum tipo de aprendizagem, porque na realidade da nossa escola para o conteúdo chegar até o aluno era preciso muitas vezes eu ir deixar a atividade na casa do aluno, e tinham professores que não iam, e isso acometia que o conteúdo não chegava ao aluno. Houve o caso de alunos que no ano de 2021 não participou de nenhuma aula nem realizou nenhuma atividade, então acredito que além disso, tem também a questão da falta de estrutura e recursos tanto para nós professores trabalharmos, como aparelhos de celular para os alunos participarem das atividades remotas, essas foram as questões que mais impactaram o ensino-aprendizagem durante a pandemia (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Os impactos e as dificuldades, eu acredito que foi a falta de conhecimento e capacitação para manusear as tecnologias, e também as famílias que não tinham o acesso à internet e ao celular, então isso dificultou muito o acompanhamento de aulas e, consequentemente, a educação dos alunos (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

As dificuldades e impactos que eu vejo que são a falta de ferramentas tecnológicas, principalmente da parte dos alunos, já que muitos não tinham acesso algum às tecnologias, falta de experiência dos professores para ensinar as aulas virtuais e também a falta de apoio de alguns pais em casa (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Com essa questão, vemos, a partir do que informam os participantes do estudo, que durante o contexto da pandemia causada pela COVID-19 muitas dificuldades e impactos foram evidenciados no cotidiano escolar para educação dos alunos. Além da dificuldade em fazer chegar o conteúdo até o aluno, vimos com base no que registraram os professores que

efeitos negativos também foram percebidos em questões relacionadas à falta de estrutura e recursos tecnológicos, a não familiaridade com a tecnologia e a baixa frequência de alunos nas aulas virtuais, referente ao não acesso à internet e celular.

Utilizar a tecnologia como única ferramenta possível de ensino devido às circunstâncias que o momento exigiu, mostra dificuldades e impactos para educação dos sujeitos, dado que há uma desigualdade no acesso a celular e internet referente a possíveis fatores econômicos e sociais. Neves, Assis e Sabino (2021), citando estimativas da UNESCO, informam que “a conectividade à internet é um nó crítico do panorama digital brasileiro e o seu acesso, no Brasil, apresenta distorções preocupantes. Em consequência, na área urbana, 35% dos domicílios não dispõem de conexão e, na zona rural, essa percentagem sobe para 66%” (NEVES; ASSIS; SABINO, 2021, p. 2). Compreendemos que o cenário mundial diante da pandemia acentuou um avanço significativo na exclusão de estudantes das famílias mais vulneráveis e de grupos específicos como aqueles que vivem no ambiente rural, isso acontece em consequência de que uma grande parcela de alunos não tem condições necessárias para obter um celular ou mesmo o acesso à internet.

Com essas colocações, percebemos que a difusão da pandemia gerou impactos na educação de modo complexo e os estudantes que possuem nível socioeconômico relativamente baixo foram os mais atingidos.

A última questão da nossa discussão, indagou aos professores se eles acreditam que a modalidade de ensino remoto usada durante o contexto da pandemia causada pela COVID-19 correspondeu às dificuldades e impactos causados na educação dos sujeitos da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra/RN. Vejamos as respostas dos professores:

Certamente a pandemia e o ensino remoto contribuíram com resultados negativos para o déficit de aprendizagem dos alunos da escola, mas sem o ensino remoto tudo seria muito pior. Porque com o ensino remoto nós poderíamos chegar ao aluno e eles poderiam continuar estudando de alguma forma. Aqueles alunos que conseguiram acompanhar as aulas aprenderam alguma coisa, mas não chega nem a metade do que se aprenderia efetivamente na sala de aula presencial. Durante esse processo de aulas remotas houve professores que não conseguiram sanar todas as dificuldades dos alunos, era só mesmo para constar que estava havendo aula, foi um período que deixou muitas lacunas na educação dos alunos, principalmente daqueles que não tinham o aparelho celular e não puderam acompanhar a aula de nenhuma forma. Então, acredito sim que a falta da comunicação presencial e as dificuldades para lidar com esse ensino remoto trouxeram muitos impactos para educação dos alunos na escola durante a pandemia (Professor “A”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Eu acredito, sim, que o estudo de forma remota trouxe algumas barreiras e dificuldades, porque foi muito desafiador tanto para nós professores como para os alunos termos que nos adaptar a esse meio, primeiro porque não estávamos

preparados para sair completamente das paredes da escola, segundo que, nós professores, além de não termos o preparo, não tínhamos os equipamentos necessários, nem os alunos tinham o aparelho celular para estudar dessa forma. Então, eu vejo que isso impactou bastante na educação deles (Professora “B”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

Sim, o ensino remoto trouxe algumas dificuldades justamente por ser limitante e nos impossibilitar de termos um contato físico e próximo dos alunos, principalmente na educação infantil que necessita ainda mais desse contato. A forma como a gente preparava as aulas remotas era completamente diferente do que uma aula presencial, a maneira como nos comunicávamos com os alunos também, então tudo isso implica muito na educação. Foram dois anos de percas para a educação, para a gente conseguir melhorar e correr atrás precisamos de dois a três anos e temos que ter muito mais apoio do que no período da pandemia (Professora “C”, Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza, Felipe Guerra – RN, 2022).

O advento da pandemia revelou como escola, professores e alunos não estavam preparados estruturalmente e educacionalmente para a implementação de um novo formato de ensino. Os registros dos professores aludem algumas dificuldades e impactos com o ensino remoto, pensado excepcionalmente para o momento de isolamento social. As tecnologias digitais foram decisivas na intenção de contribuir com processos educativos, porém, os três professores registraram que ter um ensino que exija seu uso de maneira contínua revela as fragilidades impostas a professores e alunos.

Não podemos negar que o ensino remoto foi de utilidade para contornar a falta de aulas presenciais, mas é de se notar que essa nova realidade pedagógica comprometeu o cenário educacional em razão das dificuldades socioeconômicas para aquisição de ferramentas tecnológicas, como também pela falta de habilidades no que tange o domínio de novos recursos a serem aplicados na educação. Ao observarmos a fala dos professores, corroboramos o pensamento de Silva *et al.* (2020) ao afirmar que “A educação nunca teve dias tão difíceis e desafiadores como no corrente período, principalmente, para professores e coordenadores educacionais, isso porque, em razão da pandemia causada pela COVID-19, eles têm sido, compulsoriamente, forçados a realizarem todas as suas atividades fora das ‘paredes’ da escola, além de permanecerem distantes, fisicamente, dos estudantes” (SILVA *et al.*, 2020, p. 54)

Em linhas finais, compreendemos que a pandemia e a modalidade de ensino remoto são correspondentes a muitas dificuldades e impactos que se implementaram na educação, haja vista que a interrupção abrupta da rotina escolar presencial e a mudança compulsória no ensino se tornaram contributos para que tais dificuldades e impactos se evidenciassem tanto na escola quanto na vida dos atores envolvidos no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo levantou discussões referentes à experiência com o ensino remoto, em uma escola municipal circunscrita na zona rural do município de Felipe Guerra, Rio Grande do Norte. Nesses termos, o objetivo geral consistiu em “analisar as percepções de professores da Unidade Escolar X Professor Antônio Amarildo de Souza – Felipe Guerra/RN a respeito do ensino remoto”.

Como participantes da investigação, participaram três professores que atuam na instituição escolar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa fez uso da abordagem qualitativa, se caracterizou como uma pesquisa de campo e utilizou a entrevista semi-estruturada como técnica para produção de dados.

Em relação aos resultados, percebemos que em razão do caráter emergencial os professores precisaram se adaptar ao novo, tendo que reinventar suas práticas e aprimorar suas habilidades quanto ao uso pedagógico das tecnologias emergentes. Assim, a exigência do ensino remoto ocasionou um processo de adaptação para professores e alunos que tinham pouca familiaridade com as ferramentas de ensino digital.

Sendo assim, os desafios que mais se presenciaram com o ensino remoto foram à falta de equipamentos tecnológicos, acesso a internet e ausência de formação dos professores e estudantes para o uso das tecnologias digitais. Além disso, destacou-se que durante a pandemia um dos principais efeitos relatados foi à dificuldade do acompanhamento e apoio familiar, visto que os pais e responsáveis pelos estudantes não conseguiam conciliar o trabalho com as aulas online dos filhos (as).

Além desses aspectos, pontuaram que o planejamento e preparação das aulas remotas emergiram suas criatividade no enfrentamento de tantos desafios. Os professores enfatizaram que tiveram que reorganizar suas metodologias e criar estratégias de acordo com a realidade de cada aluno.

Quanto aos impactos, os professores evidenciaram que a maneira como o ensino remoto se organizou aponta as diferenças existentes socialmente, porque o ensino público, especialmente no campo, não tem estruturas suficientes para utilizar a tecnologia como única ferramenta possível, dado que excluem os estudantes que não possuem acesso à internet e celular das medidas seguidas pelas instituições, tornando visível a exclusão digital das populações menos favorecidas.

Concluimos este escrito enfatizando que ele foi desenvolvido a partir de muito esforço e dedicação. Nesse sentido, acreditamos que venha a contribuir com os demais estudos que se reportam a escolarização durante a pandemia causada pela COVID-19.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. Educação Remota: entre a Ilusão e a Realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v.8, n.3, p. 348-365, 2020.
- ALENCAR, G. A.; PESSOA, M. dos S.; SANTOS, A. K. de F. S; CARVALHO, S. R. R. de; LIMA, Hommel A. de B. WhatsApp como ferramenta de apoio ao ensino. IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação. **Anais**, 2015.
- AQUINO, E. M. L.; et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, jun. 2020. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt> . Acesso em: 20\12\2021.
- ARAÚJO, E. M. C. **O uso das ferramentas do aplicativo "Google sala de aula" no ensino de matemática**. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Matemática Profissional, Unidade Acadêmica Especial de Matemática e Tecnologia, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2016. Disponível em: <https://link.ufms.br/2KTFp> . Acesso em: 15\08\2022.
- AZEVEDO, M. A. de. Política de Educação do Campo: concepções processos e desafios. In: CABRAL NETO, A. C. et al. **Pontos e contrapontos da política educacional: uma leitura contextualizada de iniciativas governamentais**. Brasília: Liber Livros, 2007.
- BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Ampliada. São Paulo (SP). Pearson educativa do Brasil, 2000.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Constituição da República Federativa do Brasil [Constituição (1988)]: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- _____. **Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> . Acesso em: 23\12\2021.
- CALDART, R. S. Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: Traços de uma Identidade. In: KOLLING, E. J., et al. **Educação do campo: Identidade e políticas públicas**. Brasília DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2002.
- CARDOSO, C. A.; FERREIRA, V. A.; BARBOSA, F. C. G. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

CORDEIRO, K. M. de A. **O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. Disponível em: <http://idaam.siteworks.com.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf> Acesso em: 01/09/2022.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139 -152, 2004.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, M. C. **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília/MDA, 2006.

FERREIRA, S. F.; SANTOS, A. G. M. dos. Dificuldades e Desafios Durante o Ensino Remoto na Pandemia: um estudo com professores do Município de Queimadas – PB. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, v. 207. n. 9, 2021.

GROSSI, M. G. R. Usar as tecnologias digitais nas aulas remotas durante a pandemia da COVID-19? Sim, mas quais e como usar? **Olhar do professor**, Ponta Grossa, v. 24, 2021.

KATO, E. H. **Um relato sobre a experiência de aulas remotas em uma turma do 5º Ano do ensino fundamental durante o período de pandemia por Covid-19**. Curitiba, 2020.

LEITE, S. C. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, P. A.; PIMENTA, C. C. C. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e Desafios. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisas na Educação Básica**, Recife, v.3, n. 1, p.52-66, 2017.

LUCENA, S.; OLIVEIRA, A. A. D.; JUNIOR SANTOS, G. P. dos. **WhatsApp e Educação**: entre mensagens, imagens e sons. Salvador: EDUFBA, 2017.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MEDEIROS, E. A. de; VARELA, S. B. L.; NUNES, J. B. C. ABORDAGEM QUALITATIVA: ESTUDO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (2004 – 2014). **HOLOS**, [S. l.], v. 2, p. 174–189, 2017. DOI: 10.15628/holos.2017.4457. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4457>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Guia de vigilância epidemiológica. Brasília, DF. 2021. Disponível em: <https://www.conasems.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Guia-de-vigila%C3%A7%C3%A3o-epidemiol%C3%B3gica-da-covid-19-15.03.2021.pdf> . Acesso em: 20/12/2021.

MOREIRA, J. A.; SCHELMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de uma educação digital on-line. **Revista UFG**, v. 20, 2020.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Revista Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. Escola do campo. In: CALDART, R. S., et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MORAN, J. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação**. 2018. Disponível em: https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf. Acesso em: 28/09/2022.

NEVES, V. N. S.; ASSIS, V. D. de; SABINO, R. do N. Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: estado da arte. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2021.

PIANA, M. C. A Pesquisa de Campo. In: PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

RIBEIRO, M. Educação Rural. In: CALDART, R. S., et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ROCHA, F. S. M. de; et. al. O uso de tecnologias digitais no processo de ensino durante a pandemia da COVID-19. **Revista Interações**, 2020.

SANTOS, E.; LIMA, I. S.; SOUSA, N. J. “Da noite para o dia” o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, v. 5, n. 16, 2020.

SILVA, P. R. S. Fundamentos político-pedagógicos para a educação do campo: a escola do campo. In: ZIENTARSKI, C.; PEREIRA, K. R. C.; FREIRE, P. A. R. (Org.). **Escola da Terra no Ceará: conhecimentos formativos para a práxis docente do/no campo**. Assis: Triunfal Gráfica, 2016, p. 99-126.

SILVA, L. et al. Educadores Frente à Pandemia: Dilemas e Intervenções alternativas para Coordenadores e Docentes. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 7, p. 53-64, 2020.

UNIDADE ESCOLAR X PROFESSOR ANTÔNIO AMARILDO DE SOUZA. **Projeto Político Pedagógico**. Felipe Guerra, 2020 (Documento Digitalizado).

VALENTE, G. S. C.; et al. O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Sou ANA PAULA DE OLIVEIRA, graduanda do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação – LEDOC, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. No momento, realizo a pesquisa monográfica intitulada “EDUCAÇÃO DO CAMPO E PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19: A EXPERIÊNCIA COM O ENSINO REMOTO NA COMUNIDADE DE SÃO LOURENÇO, FELIPE GUERRA – RN”, mediante a orientação do professor Dr. Emerson Augusto de Medeiros. A pesquisa tem como principal objetivo “Analisar as percepções de professores da Unidade Escolar X São Lourenço – Felipe Guerra/RN a respeito do ensino remoto.” Tal pesquisa remete a um estudo de cunho qualitativo, o qual se caracteriza como uma pesquisa de campo, que terá como técnica principal para produção de dados uma entrevista formada por questões abertas.

Por meio deste documento, O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa. Acreditamos que sua participação, sua experiência e seu olhar frente ao tema em estudo serão de extrema importância para concretização da investigação. Assinalo que, em caso de aceitar o convite, sua privacidade será respeitada, isto é, seu nome e sua identidade será mantida em sigilo.

Esclareço que o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer recurso financeiro. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade. O(a) senhor(a) não ficará exposto(a) a nenhum risco. Somente após devidamente esclarecido(a) e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento. Em caso de dúvidas, poderá a qualquer tempo se comunicar com a pesquisadora ANA PAULA DE OLIVEIRA, por meio do telefone (84) _____, e/ou do e-mail: _____. Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Av. Francisco Mota, n. 572, Bairro Costa e Silva, Mossoró – RN, ou pelo e-mail: emerson.medeiros@ufersa.edu.br.

Mossoró, ____, de _____, de 2022

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora